

ANORA ROBERTS



O BAILE DOS DEUSES

Tradução de Fernanda Semedo

*A presente obra respeita as regras
do Novo Acordo Ortográfico.*



CHÁ DA CINCO
Livros com sexto sentido

Para Logan.

Tu és o futuro.

O que aprendemos a fazer, aprendemos fazendo.
ARISTÓTELES

Nós poucos, felizes poucos, nós, bando de irmãos.
SHAKESPEARE



Quando o Sol mergulhou fundo no céu e escorreu as gotas do seu último fogo, as crianças aconchegaram-se para ouvirem a continuação da história. Para o velho, os seus rostos ansiosos e os olhos muito abertos iluminaram a sala. A história que começara a contar numa tarde chuvosa continuaria agora, quando o crepúsculo se instalava na terra.

O lume que crepitava na lareira era o único som que se ouvia enquanto ele bebericava o vinho e procurava na sua mente as palavras certas.

— Agora, vocês conhecem um princípio, de Hoyt, o Feiticeiro, e da bruxa vinda de um tempo muito posterior ao dele. Sabem como surgiu o vampiro e como a erudita e o metamorfo entraram na terra da Irlanda através do Baile dos Deuses, vindos do mundo de Geall. Sabem como se perdeu um amigo e um irmão, e como a guerreira se lhes juntou.

— Eles juntaram-se — disse uma das crianças de olhos arregalados — para lutarem, para salvarem os mundos todos.

— Isto é verdade e isto aconteceu. Estes seis, este círculo de coragem e de esperança, foram encarregados pelos deuses, através da mensageira Morrigan, de combater o exército de vampiros dirigido pela sua ambiciosa rainha, Lilith.

— Derrotaram os vampiros em batalha — disse um dos jovens, e o velho sabia que ele se imaginava a si mesmo como um dos bravos, erguendo espada e estaca para destruir o mal.

— Também isso é verdade e também isso aconteceu. Na noite em que o feiticeiro e a bruxa realizaram a sua cerimónia matrimonial, na noite em

que juraram o amor que tinham descoberto naqueles tempos terríveis, o círculo dos seis obrigou à retirada dos demónios. O seu valor não podia ser posto em questão. Mas esta foi apenas uma batalha, no primeiro mês dos três que lhes tinham sido concedidos para salvar os mundos.

— Quantos mundos existem?

— Não é possível contá-los — explicou, — tal como não podem ser contadas as estrelas do céu. E todos estes mundos estavam em perigo. Porque, se estes seis fossem derrotados, estes mundos seriam transformados, tal como um homem pode ser transformado num demónio.

— Mas, que aconteceu a seguir?

Agora, ele sorria, e o lume da lareira refletia sombras num rosto marcado pelos anos.

— Bem, é o que vos vou contar. À noite da batalha, como sempre acontece, seguiu-se a madrugada. Foi uma madrugada suave e nublada, a bonança depois da tempestade. A chuva lavara o sangue, de humanos e de demónios, mas a terra continuava queimada nos pontos onde as espadas de fogo se tinham incendiado. Ainda assim, as rolas arrulhavam e o riacho cantava. Sob a luz dessa manhã brilhavam folhas e rebentos, molhados da chuva.

— Era por isto que eles lutavam — disse-lhes, — por estas coisas simples e vulgares. Pois o homem necessita do conforto das coisas simples, tanto quanto necessita de glória.

Bebeu o vinho, depois pô-lo de lado.

— E eles tinham-se reunido para preservar estas coisas. E assim, uma vez reunidos, deram início à sua jornada.



Clare

Primeiro dia de setembro

A través da casa, silenciosa como um túmulo, Larkin coxeava. O ar estava doce, fragrante das flores luxuriosamente reunidas para o ritual matrimonial da noite anterior.

O sangue tinha sido lavado; as armas, limpas. Haviam brindado a Hoyt e Glenna com o vinho espumante, tinham comido bolo. Porém, por trás dos sorrisos, como um convidado indesejado, assomava o horror da batalha dessa noite.

Este dia, supunha, seria para descanso e mais preparativos. Para ele era difícil não se sentir impaciente com o treino, com o planeamento. Pelo menos, na noite anterior tinham lutado, pensou, enquanto premia a mão contra a coxa, onde lhe doía o golpe de uma seta. Uma série de demónios caíra, e nisso havia glória.

Na cozinha, abriu o frigorífico e tirou uma garrafa de *Coca-Cola*. Aprendera a gostar, e acabara por a preferir ao seu chá matinal.

Rolou a garrafa na mão, maravilhando-se com o engenho do recipiente — tão liso, tão claro e sólido. Porém, o conteúdo, era algo de que sentiria a falta quando regressassem a Geall.

Admitia que não acreditara na sua prima, Moira, quando ela falara de deuses e de demónios, de uma guerra para salvar mundos. Apenas a acompanhara nesse dia, nesse triste dia do enterro da sua mãe, para cuidar dela. Não era apenas do seu sangue, mas também uma amiga, e seria rainha de Geall.

Contudo, cada palavra que a prima lhe dissera, a apenas alguns passos da campa da mãe, era pura verdade. Tinham ido ao Baile, tinham-se colocado no centro desse círculo. E tudo mudara.

Não apenas o lugar e o momento em que estavam, meditou enquanto abria a garrafa e tomava aquele primeiro gole revigorante. Tudo. Num momento, encontravam-se sob o Sol da tarde, em Geall. Seguiria-se luz e vento, e um estrondo.

E então, era noite e era a Irlanda — um lugar que Larkin sempre julgara ser um conto de fadas.

Ele não acreditava em contos de fadas, nem em monstros. E, não obstante o seu próprio dom, sempre olhara a magia com desconfiança.

Mas a magia existia, admitia-o agora. Tal como existia a Irlanda, e existiam monstros. Aqueles demónios tinham-nos atacado — saltando das sombras dos bosques, de olhos vermelhos e presas aguçadas. Tinham a forma de homens, pensou, mas não eram homens.

Vampiros.

Existiam para se alimentar dos homens. E agora juntavam-se, encaçados pela sua rainha, para destruírem tudo.

Ele estava aqui para os deter, custasse o que custasse. Estava aqui, encarregado pelos deuses de salvar os mundos do homem.

Coçou distraidamente a coxa que sarava e decidiu que, certamente, ninguém esperava que salvasse o mundo de estômago vazio.

Cortou uma fatia de bolo para acompanhar a *Coca-Cola* matinal e lambeu o açúcar glacê do dedo. Até ao momento, escapara astuciosamente às aulas de culinária de Glenna. Gostava de comer, isso não se podia negar, mas confeccionar a comida era outra conversa.

Era um homem alto e espigado, com uma fulva melena ondulada. Os olhos, quase da mesma cor, eram grandes como os da prima, e quase tão simpáticos. Tinha uma boca grande e irrequieta, de sorriso fácil, mãos rápidas e uma natureza descontraída.

Aqueles que o conheciam diriam que era generoso com o seu tempo e o seu dinheiro, e uma boa companhia nos bares ou nas lutas.

Fora abençoado com feições fortes e homogêneas, costas possantes e mãos sempre dispostas a ajudar. Além do poder de mudar a sua forma para a de qualquer coisa vivente.

Deu uma saudável dentada no bolo, mas a casa estava demasiado tranquila para o gosto dele. Queria, precisava, de atividade, barulho, movimento. Já que não conseguia dormir, decidiu levar o cavalo de Cian a dar um passeio matinal.

Sendo um vampiro, Cian dificilmente o poderia fazer.

Saiu pela porta das traseiras da grande casa de pedra. Corria uma aragem, mas ele vestia a camisola e os jeans que Glenna lhe comprara na aldeia. Usava as suas próprias botas — e a cruz de prata que Glenna e Hoyt tinham forjado magicamente.

Viu os sítios onde a terra estava queimada, onde estava pisada. Viu as marcas das suas próprias ferraduras, gravadas na terra empapada quando galopara pelo meio da batalha sob a forma de cavalo.

E viu a mulher que o montara, espalhando destruição com uma espada em chamas.

Esta atravessava o nevoeiro, lenta e graciosa; poderia parecer que dançava se ele não soubesse que os movimentos, o completo domínio destes, eram mais uma preparação para a batalha.

Braços e pernas longos varriam o ar com tanta suavidade que mal perturbavam o nevoeiro. Via-lhe os músculos a tremerem quando ela manteve interminavelmente uma pose, pois usava um traje branco e justo que lhe deixava os braços nus e que nenhuma mulher de Geall teria usado fora do seu quarto.

Ergueu uma perna para trás, dobrada pelo joelho, e alcançou o pé descalço com o braço. A camisa subiu-lhe no tronco e deixou mais carne à mostra.

Seria um homem lamentável, pensou Larkin, aquele que não se regozijasse com tal visão.

Tinha o cabelo curto, preto asa-de-corvo, e olhos mais azuis que os lagos de Fonn. No mundo dele, não seria considerada uma beleza, pois faltava-lhe o aspeto roliço, as curvas suaves e cheias, mas ele considerava atraente a força da sua forma, e interessantes e invulgares os ângulos do seu rosto e o intenso arco das sobrancelhas.

Ela baixou a perna, afastada do corpo, depois agachou-se com os braços paralelos ao solo.

— Comes sempre tanto açúcar de manhã?

A voz dela sobressaltou-o. Mantivera-se imóvel e silencioso, pensando que ela não dera por ele. Devia ter percebido. Deu uma dentada no bolo que se esquecera que segurava.

— É bom.

— Aposto que sim. — Blair baixou os braços e endireitou-se. — Levantaste-te mais cedo do que é costume, não é verdade?

— Não conseguia dormir.

— Compreendo. Foi uma batalha das boas!

— Boa? — Ele olhou para o campo queimado e pensou nos gritos, no sangue, na morte. — Não foi exatamente uma noite no bar.

— Mas foi divertida. — Ela olhou, tal como ele, mas com uma luz intensa nos olhos. — Demos cabo de alguns vampiros, que melhor maneira poderá haver de passar o serão?

— Consigo pensar em algumas.

— Foi uma boa carga, contudo. — Rodou os ombros para os libertar

da tensão enquanto olhava para a casa. — E não foi mau passar de um casamento para uma luta e voltar ao casamento — como vencedores. Especialmente, se considerares a alternativa.

— Suponho que tens razão.

— Espero que a Glenna e o Hoyt estejam a desfrutar de algum tempo de lua de mel porque, no geral, a festa foi bastante má.

Com o andar longo, quase líquido, que ele acabara por admirar, Blair dirigiu-se à mesa que usavam durante o treino diurno para colocar as armas e os abastecimentos. Pegou na garrafa de água que aí deixara e deu um grande gole.

— Tens uma marca de realeza.

— Que dizes?

Ele aproximou-se e tocou-lhe levemente a omoplata com a ponta de um dedo. Havia aí a marca de uma cruz, como a que ele tinha em volta do pescoço, mas de um vivo vermelho-sangue.

— É só uma tatuagem.

— Em Geall, só o regente pode usar uma marca no corpo. Quando há um novo rei ou rainha, no momento em que erguem a espada da pedra, a marca aparece. Aqui. — Deu uma palmadinha no bicipite direito. — Não o símbolo da cruz, mas o *claddaugh*, posto aí, diz-se, pelo dedo dos deuses.

— Fixe. — Ele franziu-lhe o sobrolho. — Quer dizer excelente — explicou ela.

— Nunca o vi com os meus próprios olhos.

Ela inclinou a cabeça.

— É ver para crer?

Ele encolheu os ombros.

— A minha tia, mãe da Moira, tinha uma marca dessas. Mas ela tornou-se rainha antes do meu nascimento, pelo que não vi a marca aparecer.

— Nunca tinha ouvido essa parte da lenda. — Só porque este estava ali, ela enfiou um dedo no açúcar do bolo e lambeu-o. — Acho que nem tudo se sabe.

— Como é que arranjaste a tua?

Um tipo engraçado, pensou Blair. Uma natureza curiosa. Olhos lindos. *Danger, Will Robinson*, pensou. Aquele género de combinação estava mesmo a pedir sarilhos. E ela não fora feita para sarilhos, algo que aprendera da pior maneira.

— Paguei-a. Há muita gente que tem tatuagens. É uma espécie de declaração pessoal, pode-se dizer. A Glenna tem uma. — Deu mais um gole, olhando-o enquanto tocava o fundo das costas. — Aqui. Um pentagrama. Vi-a quando estávamos a ajudá-la a vestir-se para o casamento.

— Então são para mulheres?

— Não só. Porquê, queres uma?

— Acho que não. — Coçou distraidamente a coxa.

Blair recordou o momento em que lhe arrancara a seta do corpo, e que ele mal produzira um som. O tipo tinha tomates a condizer com os olhos lindos e a natureza curiosa. Não era incompetente durante a batalha, nem choramingas depois.

— A perna está a dar-te problemas?

— Um pouco rígida, um pouco dolorida. A Glenna é uma boa enfermeira. E a tua?

Ela dobrou a perna para trás, juntando o calcanhar à nádega, e experimentou um esticão.

— Está bem. Curo-me depressa, é herança de família. Não tão depressa como um vampiro — acrescentou. — Mas os caçadores de demónios curam-se mais depressa que os humanos em geral.

Pegou no casaco que atirara para cima da mesa e vestiu-o para se proteger do frio da manhã.

— Quero café.

— Não gosto de café. Gosto de *Coca-Cola*. — Depois sorriu, de modo fácil e sedutor. — Fazes tu o pequeno-almoço?

— Daqui a pouco. Há outras coisas que quero fazer primeiro.

— Talvez não te importes de fazer o suficiente para dois.

— Talvez. — Tipo inteligente, também, pensou ela. Era melhor respeitar a sua astúcia. — Está a dar alguma coisa?

Demorou um pouco a perceber, mas ele tentava passar algum tempo todos os dias junto da máquina maravilhosa que se chamava televisão. Orgulhava-o pensar que estava a aprender línguas novas.

— Vou levar o cavalo a dar uma volta, depois dou-lhe comida e trato dele.

— Hoje há muita luz, mas não deves ir para os bosques desarmado.

— Vou cavalgar nos campos. Ah, a Glenna pediu-me para não andar a cavalo sozinho na floresta. Não gosto de a preocupar. Apetecia-te um passeio a cavalo?

— Acho que já passei o suficiente a noite passada, graças a ti. — Divertida, deu-lhe um pequeno soco no peito. — Tens cá uma velocidade, *cowboy!*

— Bem, tu és uma cavaleira leve e estável. — Voltou a olhar para o terreno pisado. — Tens razão. Foi uma boa luta.

— Se foi. Mas a próxima não será tão fácil.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— E esta foi fácil?

— Podes apostar, em comparação com o que está para vir.

— Nesse caso, que os deuses nos ajudem. E se te apetecesse fazer uns ovos com *bacon*, era bom. É melhor comermos enquanto ainda temos estômago.

Pensamento animador, decidiu Blair, encaminhando-se para dentro. O diabo é que ele queria dizer mesmo aquilo. Ela nunca conhecera ninguém tão indiferente às questões da vida e da morte. Não resignado — ela fora criada para se resignar — mas com uma espécie de confiança de que viveria como queria, até deixar de viver.

Blair admirava esse ponto de vista.

Ela fora educada para saber que o monstro debaixo da cama era verdadeiro e apenas aguardava que ela relaxasse para lhe abrir a garganta.

Fora treinada para adiar esse momento o máximo de tempo que pudesse aguentar, e lutar, golpear, incendiar e matar tantos quanto fosse humanamente possível. Porque, subjacente à força, ao espírito e ao treino infundável, havia o conhecimento de que um dia não seria suficientemente rápida, suficientemente inteligente, suficientemente afortunada.

E o monstro venceria.

Mesmo assim, existira sempre um equilíbrio — demónio e caçador, sendo um a presa do outro. Agora o que estava em jogo era mais elevado, elevado como o raio, pensou enquanto fazia café. Agora não era só o dever e a tradição que tinham sido transmitidos pelo sangue ao longo do raio de quase um milénio.

Agora era uma batalha para salvar a humanidade.

Encontrava-se ali, com aquele bando estranho — dois dos quais, vampiro e feiticeiro, eram, afinal, seus antepassados — para travar a mãe de todas as batalhas.

Dois meses, pensou, até ao Halloween. Até ao Samhain e o confronto final que a deusa profetizara. Tinham de estar preparados, decidiu, enquanto servia a primeira chávena. Porque a alternativa não era uma opção.

Levou o café para o quarto, no andar de cima.

No que dizia respeito a alojamentos, este era bastante melhor que o apartamento em Chicago onde se instalara durante o último ano e meio. A cama exibia uma enorme cabeceira com dragões esculpidos de ambos os lados. Numa cama assim, uma mulher podia sentir-se uma princesa encantada — se estivesse num estado de espírito fantasioso.

Não obstante o facto de a casa ser propriedade de um vampiro, havia um enorme espelho, emoldurado em mogno maciço. No guarda-fatos caberia três vezes a quantidade de roupa que ela trouxera consigo, por isso usava-o para armas suplementares e enfiara o seu guarda-roupa de viagem na cómoda.

As paredes estavam pintadas de uma cor de ameixa escura, decoradas com pinturas de cenas de bosque antes do nascer do dia ou ao crepúsculo, de modo que, se as cortinas estivessem fechadas, o quarto parecia envolto em sombras perpétuas. Mas não fazia mal. Vivera uma grande parte da sua vida nas sombras.

Mas ela abriu as cortinas e a manhã transbordou lá para dentro. Sentou-se na fabulosa secretariazinha para verificar o *email* no *laptop*.

Não conseguiu evitar a ténue centelha de esperança, nem impedi-la de se desvanecer quando viu que ainda não havia nenhuma mensagem de resposta do pai.

Nada de novo, recordou a si própria, recostando-se na cadeira. Ele andava em viagem, algures na América do Sul, tanto quanto sabia. E só o sabia porque o irmão lhe dissera.

Há seis meses que não tinha qualquer contacto com ele, e isso também não era novidade. A obrigação que tinha para com ela fora, na opinião dele, cumprida há muitos anos. E talvez tivesse razão. Ensinara-a, treinara-a, embora ela nunca tivesse sido suficientemente boa para merecer a sua aprovação.

Simplemente, ela não tinha o equipamento correto. Não era o filho dele. O desapontamento que o pai sentira por o dom ter sido herdado pela filha, e não pelo filho, fora algo que nunca tivera o cuidado de esconder.

Adoçar os golpes não era o estilo de Sean Murphy. Praticamente, livrara-se da filha no dia em que ela completara dezoito anos.

Agora, ela envergonhar-se-ia a si mesma enviando-lhe uma segunda mensagem, quando ele não respondera à primeira. Enviara o primeiro *email* antes de partir para a Irlanda, para lhe dizer que se preparava alguma coisa, que algo fervilhava, e ela queria o seu conselho.

Não valia a pena, pensava ela agora, e também não valiam a pena novas tentativas, após a sua chegada, para lhe dizer que aquilo que fervilhava era muito importante.

Ele tinha a sua própria vida, o seu próprio percurso, e nunca fingira o contrário. Era um problema, uma deficiência dela, ainda desejar a sua aprovação. O seu amor, há muito que desistira de o conquistar.

Desligou o computador, pegou numa camisola e nuns sapatos. Decidiu ir para a sala de treino levantar uns pesos, para aliviar a frustração e abrir o apetite.

A casa, tinham-lhe dito, era aquela em que Hoyt e o irmão, Cian, tinham nascido. Na aurora do século XII. Fora modernizada, evidentemente, e tinham sido feitos alguns acrescentos, mas percebia pela estrutura original que os Mac Cionaoith tinham sido uma família de meios consideráveis.

Claro que Cian tivera quase um milénio para fazer a sua própria for-

tuna, para voltar a adquirir a casa. Contudo, por excertos de conversa que ouvira aqui e ali, ele não vivia lá.

Ela não tinha o hábito de conversar com vampiros — apenas de os matar. Mas estava a abrir uma exceção para Cian. Por razões que não tinha inteiramente claras, este lutava com eles e até, em certa medida, financiava a sua pequena guerra.

A acrescentar a isso, observara a maneira feroz e impiedosa como ele lutara na noite anterior. A aliança com ele podia ser o elemento capaz de fazer pender a balança a seu favor.

Subiu as escadas de pedra até ao que fora outrora o grande salão que, anos mais tarde, se tornaria em sala de baile. E agora era sala de treino.

Deteve-se bruscamente quando viu a prima de Larkin, Moira, a fazer extensões peitorais com pesos livres de dois quilos e meio.

A gealliana usava o cabelo castanho preso numa trança grossa que lhe chegava à cintura. O suor escorria-lhe pelas têmporas e escurecia as costas da t-shirt branca. Os olhos, de um cinzento nebuloso, olhavam fixamente em frente, concentrados, presumiu, no que quer que a motivava a praticar os exercícios. Media, pelos cálculos de Blair, cerca de um metro e sessenta, e talvez pesasse cinquenta quilos, depois de ser arrastada para fora de um lago. Mas tinha garra. Ter garra era algo que pesava muito na escala de Blair. Aquilo que Blair julgara inicialmente ser timidez era, na verdade, um estado de alerta. A mulher absorvia tudo.

— Pensava que ainda estavas na cama — disse Blair ao entrar.

Moira baixou os pesos, depois limpou a testa com o braço.

— Já me levantei há um bocado. Queres usar a sala?

— Sim. Há aqui muito espaço para as duas. — Blair avançou e selecionou pesos de cinco quilos. — Esta manhã não estás enfiada nos livros.

— Eu... — Com um suspiro, Moira estendeu os braços, como lhe tinham ensinado. Gostaria de os ter tão elegantes e esculpidos com músculos como os de Blair, mas nunca mais ninguém diria que eram moles.

— Tenho começado o dia aqui, antes de ir para a biblioteca. Normalmente, antes de alguém acordar e andar por aí.

— Está bem. — Curiosa, Blair analisou Moira enquanto esta trabalhava os tricípites. — E manténs isto em segredo porquê?

— Não é um segredo. Não exatamente. — Moira pegou numa garrafa de água e desenroscou a tampa. Voltou a enroscá-la. — Sou a mais fraca de nós. Não preciso que tu ou o Cian mo digam, embora tanto um como o outro façam questão de me informar disso com alguma regularidade.

Algo estremeceu na barriga de Blair.

— E isso é horrível. Digo-te que lamento tê-lo feito, porque sei como é ser deitado abaixo quando estamos a dar o nosso melhor.

— O meu melhor não é tão bom como isso, pois não? E não, não estou à procura de desculpas — acrescentou antes que Blair pudesse responder. — É difícil que te apontem as tuas deficiências, mas essa é a verdade — por enquanto. É por isso que venho aqui todas as manhãs cedo, e levanto estas malditas coisas como tu me ensinaste. Não quero ser o elo mais fraco, aquele com que todos vocês têm de se preocupar.

— Ainda não tens muito músculo, mas tens alguma velocidade. E, com o arco, és um génio dos diabos! Se não fosses tão boa, as coisas não teriam corrido como correram a noite passada.

— Trabalhar as minhas fraquezas e as minhas forças ao meu próprio ritmo. Foi isso que me disseste — e eu fiquei zangada. Até perceber a sensação das tuas palavras. Não estou zangada. És uma boa treinadora. O King era... era mais mole comigo, acho eu, porque era um homem. Um homem grande, de facto — acrescentou Moira com tristeza nos olhos, — que sentia afeição por mim, julgo eu, por eu ser a mais pequena do grupo.

Blair não conheceu King, o amigo de Cian que fora capturado e depois assassinado por Lilith, que em seguida lho devolvera transformado em vampiro.

— Eu não serei mole contigo — prometeu Blair.

Depois de terminar a sessão de pesos e de ter tomado um duche rápido, Blair já conseguia ter fome. Decidiu optar por um dos seus favoritos e preparar fatias douradas.

Atirou alguns pedaços de *bacon* irlandês para uma frigideira, para obter proteínas, e selecionou Green Day no leitor de MP3. Música para cozinhar.

Serviu-se de uma segunda chávena de café antes de partir os ovos para uma tigela.

Estava a bater a massa quando Larkin atravessou precipitadamente a porta. Parou, olhando para o leitor.

— Que vem a ser isso?

— É um... — Como explicar? — Uma forma de assobiar enquanto trabalhas.

— Não estou a falar da máquina. Existem tantas desse género que não consigo metê-las todas na cabeça. O que é o som?

— Oh! Hum... música popular? Rock, do género *hard*.

Agora ele sorria, de cabeça inclinada enquanto escutava.

— Rock. Gosto disso.

— Quem não gosta? Esta manhã não vou para os ovos. Estou a fazer fatias douradas.

— Pão? — O desapontamento cobriu-lhe o rosto, apagando o prazer prévio da música. — Nada mais que pão cozinhado?

— Não é só isso. Além disso, comes o que houver quando sou eu a tripular o fogão. Ou então arranjas tu a comida.

— É simpático da tua parte cozinhares, sem dúvida.

O seu tom era de tanto sofrimento que ela teve de conter uma gargalhada.

— Relaxa e confia em mim. Já te vi a comer, *cowboy*. Vais gostar tanto disto como de rock, principalmente depois de a afogares em manteiga e calda. Estará pronta num minuto. Podes virar o *bacon*?

— Preciso de me lavar primeiro. Andei a limpar o estábulo e essas coisas e ainda não estou em condições de tocar em nada.

Ela ergueu uma sobrancelha quando ele saiu. Já o vira escapar às tarefas na cozinha de todas as maneiras. Tinha de o admitir, o homem tinha bastante lata.

Resignada, virou o *bacon* e pôs ao lume uma segunda frigideira. Ia mergulhar a primeira fatia de pão quando ouviu vozes. Os recém-casados estavam a pé, percebeu, e acrescentou massa para chegar para eles.

Estilo casual. Era algo que Glenna possuía às carradas, pensou Blair. Entrou usando uma camisola verde-sálvia e jeans pretos, com o cabelo vermelho-vivo oscilando, direito e solto. O urbano a competir com o casual rural, achou Blair. Quando se acrescentavam as bonitas cores de uma mulher que, obviamente, tivera os seus mimos matinais, era o pacote completo.

Não parecia nada uma mulher que perseguiria um esquadrão de vampiros, dando gritos de guerra e empunhando um machado, mas fora exatamente isso que fizera.

— Hum, fatias douradas? Deves ter-me lido a mente. — Enquanto se dirigia para a cafeteira, Glenna deu uma palmadinha distraída no braço de Blair. — Precisas de ajuda?

— Não, arranjo-me. Tens ficado com a maior parte do serviço culinário, e eu sou melhor a fazer o pequeno-almoço que o jantar. Parecia-me ter ouvido o Hoyt.

— Vinha atrás de mim. Ficou a falar com o Larkin acerca do cavalo. Acho que está um pouco amuado por não ter chegado ao *Vlad* antes do Larkin. O café está bom. Dormiste bem?

— Até parece que estive inconsciente durante umas horas. — Blair mergulhou o pão e deixou-o cozinhar um pouco. — Depois, não sei... fiquei demasiado inquieta. Alerta. — Deitou um olhar a Glenna. — E sem ter onde gastar o excesso de energia, ao contrário da noiva.

— Tenho de admitir que esta manhã me sinto bastante solta e descontraída. — A não ser... — Estremecendo um pouco, Glenna massajou o

bicípite direito. — Tenho os braços que parece que passei metade da noite a trabalhar com um martelo pneumático.

— Os machados de guerra são pesados. Fizeste um bom trabalho com o teu.

— *Trabalho* não é a palavra que me ocorre. Mas não vou pensar nisso. Pelo menos até me ter empanturrado. — Virando-se, Glenna abriu o armário dos pratos. — Sabes quantas vezes tomei um pequeno-almoço destes — pão frito, carne frita — antes de tudo isto começar?

— Não.

— Nunca. Absolutamente nunca — acrescentou com uma gargalhadinha. — Cuidava do meu peso como se... caramba, como se o destino do mundo dependesse disso.

— Andas a treinar muito. — Blair virou o pão. — Precisas de combustível, de hidratos de carbono. Se aumentares alguns quilos, garanto-te que serão puramente músculos.

— Blair... — Glenna lançou um olhar rápido à porta para se certificar de que Hoyt ainda não entrara. — Tu tens mais experiência disto que qualquer um de nós. Só entre nós duas, por enquanto, pelo menos, como é que nos saímos na noite passada?

— Sobrevivemos — disse Blair sem emoção. Continuou a cozinhar, pondo o pão frito num prato e colocando mais a fritar. — Isso é o principal.

— Mas...

— Glenna, vou ser direta. — Blair virou-se, encostando-se por um momento à bancada enquanto o pão crepitava e o seu aroma invadia o ar. — Nunca estive metida numa destas antes.

— Mas há anos que tu fazes isto, que os persegues.

— É verdade. E nunca vi tantos no mesmo lugar ao mesmo tempo, nunca os vi organizados desta maneira.

Glenna soltou um suspiro silencioso.

— Isso não se pode considerar boas notícias.

— Boas ou más, é um facto. Não é — nunca foi, pela minha experiência — da natureza da besta, viver, trabalhar e lutar em grandes grupos. Falei com a minha tia e ela diz o mesmo. São assassinos e podem viajar, caçar, até viver juntos em grupos. Grupos pequenos, e tem de haver um alfa, macho ou fêmea. Mas não como isto.

— Não como um exército — murmurou Glenna.

— Não. E o que nós vimos ontem à noite foi um batalhão, uma pequena parte de um exército. A questão é que eles estão dispostos a morrer por ela, por Lilith. E isso tem muita força.

— Está bem, está bem — disse Glenna enquanto punha a mesa. — Foi o que ganhei por pedir franqueza.

— Eh, anima-te. Sobrevivemos, lembrás-te? Isso é uma vitória.

— Bom-dia — disse Hoyt para Blair ao entrar. Depois olhou logo para Glenna.

Partilhavam a pigmentação, pensou Blair, ela e o seu muitas vezes tetra-tio. Ela, o feiticeiro e o seu irmão gémeo, o vampiro, partilhavam a pigmentação e a linhagem e agora, calculava ela, aquela missão.

O destino era, sem dúvida, um sacana perverso.

— Vocês os dois estão com um brilho — disse, enquanto Glenna erguia o rosto para os lábios de Hoyt. — Quase preciso de óculos-de-sol.

— «Cortam o brilho ofuscante do Sol e, neste caso, são também uma marca de estilo sensual» — respondeu Hoyt, fazendo-a rir.

— Senta-te. — Ela desligou a música, depois levou a travessa a transbordar para a mesa. — Fiz suficientes para um exército, já que é isso que somos.

— Parece um belo banquete. Obrigada.

— Estou só a fazer a minha parte, ao contrário de alguns de nós que se escapam mais facilmente. — As suas palavras coincidiram oportunamente com a entrada de Larkin e ela abanou a cabeça. — Mesmo a tempo.

Ele exibia uma expressão ao mesmo tempo inocente e afável.

— Então, já está pronto? Demorei um bocadinho mais porque tive de ir dizer à Moira que se estava a fazer comida. E que agradável visão ela é!

— Olhas, comes. — Blair serviu quatro fatias douradas num prato para ele. — E tu e a tua prima lavam a loiça.



CAPÍTULO 2

Talvez fosse da inquietação pós-batalha, mas Blair não conseguia sossegar. Depois de outra sessão com Glenna, os ferimentos de todos eles estavam quase curados e puderam voltar a treinar. *Deviam* treinar, disse a si mesma. Talvez o suor e o esforço acabassem com a inquietação.

Mas teve outra ideia.

— Acho que devíamos sair.

— Sair? — Glenna verificava o mapa de tarefas domésticas e notou — Deus os ajudasse — que Hoyt seria o próximo a ocupar-se do tratamento da roupa. — Faz-te falta alguma coisa?

— Não sei. — Blair examinou os mapas colocados visivelmente no frigorífico. — Parece ter a lista dos mantimentos e das tarefas sob controlo — Oficial de Intendência.

— Hum, Oficial de Intendência. — Glenna deitou a Blair um olhar rápido. — Isso agrada-me. Posso ter um crachá?

— Verei o que posso fazer. Mas quando digo que devíamos sair, estou a pensar mais numa curta expedição de exploração do que em ir às compras. Devíamos ir verificar a base operacional da Lilith.

— Eis uma boa ideia. — Larkin virou-se do lava-loiça, com detergente a escorrer das mãos, e não parecia nada feliz. — Surpreendamo-la, para variar.

— Atacar a Lilith? — Moira parou de carregar a máquina de lavar loiça. — Hoje?

— Eu não falei em atacar. Fecha a torneira — Blair avisou Larkin.

— Eles são muitos mais do que nós, e não me parece que os locais compreendessem um banho de sangue em plena luz do dia. Mas a questão-chave aqui é a luz do dia.

— Ir para sul até Chiarrai — disse Hoyt tranquilamente. — Para os penhascos e as grutas, enquanto há Sol.

— Boa ideia. Eles não podem sair. Não podem fazer nada contra andarmos por ali a dar uma olhadela. E será um bom acompanhamento do processo, depois de os termos feito bater em retirada ontem.

— Guerra psicológica — concordou Glenna. — Sim, estou a ver.

— Isso — confirmou Blair. — E talvez obtenhamos alguma informação. Observamos, mapeamos os vários caminhos de entrada e de saída. E faremos questão de que ela saiba que estamos ali. Ou estivemos.

— Se conseguíssemos atrair alguns cá para fora! Ou penetrar o suficiente para lhes causar problemas. Fogo — sugeriu Larkin. — Deve haver uma maneira de deitar fogo às grutas.

— Não é uma ideia má de todo — refletiu Blair. — Aquela cabra devia levar uma boa sova. Iremos preparados para isso, e armados. Mas vamos discretos e cuidadosos. Não queremos que nenhum turista ou residente chame a polícia, para depois termos de justificar uma carrinha cheia de armas.

— Deixem o fogo comigo e com a Glenna. — Hoyt pôs-se de pé.

— Porquê?

Em resposta, Glenna estendeu o braço. Uma bola de fogo brilhou na palma da sua mão em concha.

— Bonito — decidiu Blair.

— E o Cian? — Moira continuava a lidar com os pratos. — Ele não conseguirá sair de casa.

— Fica para trás — disse Blair sem emoção. — Larkin, se já acabaste, vamos carregar umas armas.

— Temos algumas coisas na torre que podem ser úteis. — Glenna acariciou o braço de Hoyt com os dedos. — Hoyt?

— Não podemos sair sem lhe dizermos o que vamos fazer.

— Queres acordar um vampiro a esta hora do dia? — Blair encolheu os ombros. — Está bem. Vai tu primeiro.

Cian não gostava de ser incomodado durante as suas horas de descanso. Achava que a porta do quarto fechada e trancada seria, para qualquer pessoa, um sinal claro de que queria privacidade. Mas essas coisas pareciam nunca deter o irmão. Por isso, agora, estava sentado sob uma luz débil e escutava os planos do dia.

— Se é que percebi bem, acordaste-me para me dizeres que vão sair, para Kerry, para espreitar as grutas?

— Não queríamos que acordasses e descobrisses que tínhamos desaparecido todos.

— Esse é o meu sonho mais querido. — Cian desdenhou de maneira ociosa. — Aparentemente, a boa e sangrenta batalha de ontem à noite não foi suficiente para a caçadora.

— Ir lá é uma boa estratégia.

— Da última vez que lá fomos não correu assim muito bem, pois não?

Por um momento, Hoyt não disse nada, pensando em King e na sua perda.

— Não, nem para mim nem para ti, da vez anterior — acrescentou Cian. — Tu acabaste quase sem poder fugir e eu caí de um penhasco de cabeça para baixo. Não é uma das minhas memórias mais felizes.

— Mas esses tempos eram diferentes, e tu sabes. Ainda há luz do dia e, desta vez, ela não saberá que vamos lá. E, sendo dia, tu tens de ficar.

— Se pensas que vou ficar chateado com isso, estás enganado. Tenho o suficiente que fazer. Telefonemas e *emails*, que negligenciei bastante nas últimas semanas. Ainda tenho assuntos que requerem a minha atenção e sempre posso tratar deles, já que me tiraste da cama a meio do maldito dia. Deixa-me acrescentar que será um completo prazer ter cinco humanos barulhentos fora de casa por algumas horas, isso posso garantir-te.

Levantou-se, caminhou até à sua secretária e escreveu qualquer coisa num bloco.

— Já que vão andar por aí, preciso que vão a este sítio. É um talho em Ennis. Ele vender-vos-á sangue. Sangue de porco — disse Cian com um sorriso anódino enquanto entregava a morada ao irmão. — Vou telefonar-lhe, para ele saber que irá lá alguém. O pagamento não é problema, tenho lá conta.

Hoyt notou que a caligrafia do irmão mudara ao longo de todo aquele tempo. Tanta coisa mudara...

— Ele não estranhará...

— Se estranhar, é suficientemente sensato para não fazer perguntas. E não tenho dúvidas de que ficará contente por embolsar mais uns euros. Essa é a moeda que se usa aqui agora.

— A Glenna já mo explicou. Voltamos antes do pôr-do-sol.

— É bom que voltem — avisou Cian quando Hoyt saía.

Lá fora, Blair meteu uma dúzia de estacas num balde de plástico. Espadas, machados e gadanhas já estavam na carrinha. Todos da espécie

mais feroz. Seria interessante explicar aquilo se fossem mandados parar, mas não iria explorar o ninho de um vampiro sem estar armada até aos dentes.

— Quem quer guiar? — perguntou a Glenna.

— Eu sei o caminho.

Blair conteve a necessidade de assumir o comando e entrou para o assento atrás de Glenna. Os outros juntaram-se-lhes.

— Hoyt, alguma vez estiveste nas grutas? Não me parece que esse género de coisas mude muito em algumas centenas de anos.

— Muitas vezes. Mas agora estão diferentes.

— Nós estivemos lá — explicou Glenna. — Magicamente. Eu e o Hoyt fizemos um encantamento antes de sairmos de Nova Iorque. Foi intenso.

— Sou toda ouvidos.

Blair escutou, uma parte do seu cérebro fixando o percurso, as marcas do terreno, os padrões de trânsito. Com outra parte, via o que Glenna descrevia. Um labirinto de túneis, quartos bloqueados por portas grossas, corpos empilhados como lixo. Pessoas em jaulas, como gado. E os sons — Blair ouvia-os no fundo do cérebro — o choro, os gritos, as preces.

— Condomínio de luxo para vampiros — murmurou. — Quantas entradas tem?

— Não sei dizer. No meu tempo os penhascos estavam repletos de grutas. Algumas pequenas, quase não davam para uma criança gatinhar lá para dentro, outras suficientemente grandes para um homem de pé. Há mais túneis, mais largos e altos do que me lembro.

— Então, ela escavou. Teve muito tempo para tornar tudo confortável.

— Se os pudéssemos bloquear — começou Larkin, e Moira virou-se para ele horrorizada.

— Há pessoas lá dentro. Pessoas encarceradas em jaulas, como animais. Corpos atirados sem sequer a decência de um enterro.

Ele cobriu-lhe a mão com a sua e não disse nada.

— Não podemos tirá-los de lá. É isso que ele está a omitir-te. — Mas tinha de ser dito, pensou Blair. — Mesmo que alguns de nós quisessem fazer um ataque suicida, não passaria disso. Nós morreríamos e eles também. Um resgate não é opção. Lamento.

— Um encantamento — insistiu Moira. — Algo para cegar ou para os prender, só até libertarmos os cativos.

— Já tentámos cegá-la. — Glenna lançou um olhar para o retrovisor, para encontrar os olhos de Moira. — Fracassámos. Talvez um feitiço de transporte. — Olhou para Hoyt. — Seria possível transportarmos humanos?

— Nunca o fiz. Os riscos...

— Morrerão ali. Muitos já morreram. — Moira chegou-se para a frente no assento para agarrar o ombro de Hoyt. — Que risco pode ser maior que a morte?

— Poderíamos fazer-lhes mal. Usar magias que fazem mal...

— Poderíamos salvá-los. Que achas que eles escolheriam? Que escolherias tu?

— Ela tem razão. — Se o pudessem fazer, pensou Blair, se pudessem salvar nem que fosse um, valeria a pena. E seria um belo pontapé no rabo de Lilith. — Existe alguma possibilidade?

— Tens de ver aquilo que mudas de um sítio para o outro — explicou Hoyt. — E resulta melhor se estivermos perto do objeto. Teríamos de trabalhar através da rocha e o único resultado seria ficarmos todos cegos.

— Não necessariamente — contradisse Glenna. — Vamos pensar nisto, vamos discutir o assunto.

Enquanto conversavam — argumentavam, discutiam —, Blair deixou as coisas assentarem na sua cabeça. Lindo dia, pensou, distraidamente. O Sol a brilhar sobre todo aquele verde. Aquela adorável e longa extensão de terra com as vacas a pastarem preguiçosamente. Os turistas estariam todos fora, aproveitando o bom tempo depois da tempestade do dia anterior. Fazendo compras nas cidades ou viajando de carro para admirarem, boquiabertos, os Penhascos de Mohr, tirar fotografias e fazer vídeos do dólman em The Burren.

Ela fizera a mesma coisa, há muito tempo.

— Geall é parecido com isto?

— Bastante, na verdade — respondeu Larkin. — É muito como a nossa terra, exceto... bem, as estradas, os carros, a maior parte dos edifícios. Mas a terra, em si, é. É muito parecida com a nossa terra.

— Que fazem lá?

— Acerca de quê, exatamente?

— Bem, um tipo tem de ganhar a vida, não é?

— Ah. Trabalhamos a terra, claro. E temos cavalos, para criação, para venda. Cavalos bons. Deixei o meu pai com falta de pessoal. É capaz de não estar muito contente comigo neste momento.

— É provável que compreenda, caso acabes por salvar o mundo. — Já devia ter percebido que ele trabalhava com as mãos, pensou. Eram fortes e rudes, e ele parecia-lhe ter o aspeto de um homem que passava a maior parte do tempo ao ar livre. Todas aquelas madeixas manchadas pelo sol no seu cabelo, a luz de um dourado baço da sua pele.

Caramba, hormonas, acalmem-se. Ele era apenas mais um elemento da equipa para que ela fora empurrada. Era inteligente aprender tudo o que pudesse acerca das pessoas que lutavam a seu lado. Mas era estúpido ficar com formigueiros de desejo por causa disso.

— Então, és agricultor.

— Basicamente.

— Como é que um agricultor sabe utilizar uma espada como tu?

— Ah. — Ele virou-se para a olhar mais diretamente. Por um momento, apenas um momento muito curto, perdeu o fio à meada. Os olhos dela eram tão azuis e profundos. — Claro que temos torneios. Jogos? Gosto de participar neles. Gosto de vencer.

Isso também ela podia perceber, embora fosse provavelmente mais típico de Hollywood que de Geall.

— Também eu gosto de vencer.

— Isso quer dizer que entras em jogos?

Havia algo de brincadeira, de provocação sexual, subjacente à pergunta. Só se estivesse em morte cerebral é que não o perceberia. Em morte cerebral há um mês, decidiu, para poder não sentir o formigueiro.

— Nem por isso, mas quando o faço, ganho.

Ele estendeu um braço sobre as costas do assento dela, num movimento casual.

— Em alguns jogos, ambos os lados são vencedores.

— Talvez. Mas, geralmente, quando jogo, não estou a brincar.

— O jogo equilibra a luta, não achas? E os nossos torneios... bem, terão servido como uma espécie de preparação para aquilo que vai acontecer. Há muitos homens em Geall, e também algumas mulheres, que têm boa mão para a espada ou para a lança. Se a guerra lá chegar, como nos disseram que aconteceria, teremos um exército que pode corresponder.

— Precisaremos dele.

— Que fazes tu? A Glenna diz que aqui as mulheres têm de trabalhar para ganhar a vida. Ou que a maioria o faz. És paga em dinheiro para caçar demónios?

— Não. — Ele não a tocava, e ela não podia dizer que estava a fazer avanços. Mas sentia-se como se ele os fizesse.

— Não é assim que funciona. Há algum dinheiro de família. Não quero dizer que nademos nele, mas é uma almofada. Temos bares. Chicago, Nova Iorque, Boston, e isso.

— Bares? Gosto de um bom bar.

— Quem não gosta? Seja como for, por vezes sirvo às mesas. E às vezes dou treinos pessoais.

Ele franziu o sobrolho.

— Treino? De batalha?

— Na verdade, não. É mais na área da saúde e da vaidade. Ajudar as pessoas a ficarem em forma, perderem peso, tonificarem-se. Não preciso de

muito dinheiro, por isso funciona bem. Também me dá algum espaço para levantar voo quando preciso.

Ela olhou em volta. Moira olhava pela janela lateral como uma mulher num sonho. À frente, Hoyt e Glenna continuavam a falar de magia. Blair chegou-se para mais perto de Larkin e baixou a voz.

— Ouve, talvez os nossos pombinhos mágicos consigam levar a cabo esta coisa do transporte, talvez não. Se não conseguirem, vais ter de convencer a tua prima.

— Não posso convencer a Moira.

— Claro que podes. Se tivermos uma oportunidade de deitar um bocadinho das grutas abaixo ou de as incendiar, temos de a aproveitar.

Os rostos de ambos estavam agora muito próximos e as suas vozes não eram mais que sussurros.

— E as pessoas que estão lá dentro? Queimamo-las ou enterramo-las vivas? Ela nunca aceitará isso. Nem eu.

— Imaginas o tormento em que se encontram agora?

— Não é por nossa culpa.

— Enjaulados e torturados. — Manteve os olhos fixos nele, e a sua voz era baixa e vazia. — Obrigados a observar quando um é arrastado para fora da jaula para se alimentarem dele. Aterrorizados, ou muito mais do que isso, enquanto se perguntam se serão os próximos. Quem sabe, desejando sê-lo, para pôr fim a tudo.

Não havia agora nenhuma alegria, nem no seu rosto nem no seu tom.

— Eu sei o que eles fazem.

— Pensas que sabes. Talvez não os sequem completamente da primeira vez. Nem da segunda. Voltam, simplesmente, a atirá-los para a jaula. A mordida arde. Se lhe sobreviveres, arde. Carne, sangue, ossos, para recordar a dor incrível que sentiste quando aquelas presas mergulharam em ti.

— Como sabes?

Ela virou o pulso para mostrar a cicatriz esbatida.

— Tinha dezoito anos, estava chateada com qualquer coisa e fui imprudente. Estava num cemitério em Boston, à espera que um voltasse a acordar. Era um colega de escola. Fui ao funeral e ouvi o suficiente para perceber que fora mordido. Tinha de descobrir se ele se tornara num, por isso fui lá e esperei.

— Foi ele que fez isto? — Larkin percorreu a cicatriz com um dedo.

— Teve ajuda. Nenhum novato o teria conseguido, de maneira nenhuma. Mas o que o transformara, voltou. Mais velho, mais inteligente, mais forte. Eu cometi alguns erros, ele não.

— Porque estavas sozinha?

— É isso que faço, caçar sozinha — recordou-o. — Mas, neste caso,

estava determinada a provar uma coisa a uma pessoa. Não importa, mas isso tornou-me imprudente. O mais velho não me mordeu. Segurou-me enquanto o outro se arrastava até mim.

— Espera. Podes dizer-me... É assim que funciona o que transforma? Fornece...

— Comida?

— Bem, é essa a palavra, não é?

Era uma boa pergunta, achou ela, ainda bem que ele queria perceber a psicologia e a patologia do inimigo.

— Por vezes. Nem sempre. Depende, julgo eu, da razão que o leva a decidir transformar em vez de apenas beber. Podem constituir alianças, ou pretender um parceiro de caça. Ou, simplesmente, querer alguém mais jovem para fazer o trabalho pesado. Alguém que, digamos, trabalhe para eles.

— Estou a ver. Então o que o transformou segurou-te para que o mais jovem pudesse alimentar-se primeiro. — Pensou como a situação devia ter sido aterrorizadora. Ser agarrada, provavelmente magoada. Ter dezoito anos e estar sozinha, enquanto uma coisa, com uma cara conhecida, se dirigia para si.

— Sentia o cheiro do túmulo nele, de tão recente que era. Estava demasiado esfomeado para procurar a garganta, por isso apanhou-me aqui. Foi esse o erro de ambos. A dor acordou-me. É indizível.

Por um momento, ela não disse nada. A maneira como ele lhe passava agora os dedos pela cicatriz deixava-a nervosa, era como se lhe aliviasse uma ferida antiga. Não se lembrara da última vez que alguém a tocara para a confortar.

— Seja como for, peguei na minha cruz e atirei-a diretamente ao olho do sacana, do que me segurava. Caramba, como ele gritou! O outro estava tão ocupado a tentar alimentar-se que não se preocupava com mais nada. Foi um alvo fácil. Foram os dois, depois disso.

— Não passavas de uma miúda.

— Não. Eu era uma caçadora de demónios, e era estúpida. — Agora olhava Larkin nos olhos, para ele perceber que o conforto e a simpatia não podiam ter prioridade perante o bom senso e a estratégia. — Se ele se tivesse atirado à garganta, estaria morta. Bem, provavelmente, estaria morta e não estaríamos a ter esta conversa. Sei o que senti quando vi aquela coisa avançar para mim. Vestido com o belo fato preto que a sua mãe escolhera para o enterrar. Sei o que sentem aquelas pessoas dentro das grutas, pelo menos, em parte. Se não puderem ser salvos, a morte é mais agradável do que aquilo que os espera.

Ele fechou-lhe a mão sobre o pulso, cobrindo completamente a cicatriz, surpreendendo-a com a gentileza do toque.

— Amavas o rapaz?

— Sim. Bem, da maneira que se ama naquela idade. — Quase se esquecerera disso, quase se esquecerera da tristeza que sentira, apesar da dor. — A única coisa que podia fazer era liquidá-lo, e liquidar o que o matara.

— Custou-te mais do que isto. — Larkin ergueu-lhe a mão, passou os lábios pela cicatriz. — Mais do que a dor e a queimadura.

Percebeu que também quase esquecerera o que era ter alguém que compreendesse.

— Talvez, mas ensinou-me uma coisa importante. Não se pode salvar toda a gente.

— É uma lição triste. Não achas que, mesmo sabendo que não podes, deves tentar, seja como for?

— Isso é conversa de amator. Isto não é um jogo nem um concurso. Se alguém te vence, morres.

— Bem, o Cian não está aqui para discutir o assunto, mas gostarias de viver para sempre?

Ela soltou uma gargalhadinha.

— Caramba, não!

Havia outras pessoas ao longo daquela solitária extensão de penhascos e mar. Porém, não tantas quanto Blair esperava. As vistas eram fantásticas, mas calculava que houvesse outras, igualmente dramáticas, e de mais fácil acesso.

Estacionaram e pegaram em quantas armas e ferramentas podiam esconder facilmente. Blair achou que alguém poderia detetar a sua espada na bainha das costas, sob o casaco comprido de cabedal. Mas tinham de olhar com atenção. E depois, que poderiam fazer em relação a isso?

Tentou familiarizar-se com a terra, a estrada, os outros carros estacionados ao longo desta. Um casal de meia-idade subira até algumas das rochas em tabuleiro na base do penhasco, onde este se juntava à estrada. Fitavam o mar — completamente inconscientes do pesadelo que se vivia lá em baixo.

— Bem, então temos de atravessar o paredão e descer. Vamos ficar molhados — concluiu, olhando para a estreita faixa de xisto lá em baixo e depois para os dentes das rochas onde a água redemoinhava. Olhou para os outros.

— Aguentam-se?

Em resposta, Larkin rolou para o outro lado do muro. Ela começou a gritar-lhe que esperasse, que esperasse o raio de um minuto, mas ele já se dirigia para o desnível que ficava de frente para o mar.

Não se transformou num lagarto, reparou ela, mas sem dúvida que

podia trepar como um. Tinha de lhe dar nota máxima em coragem e agilidade.

— Muito bem, Moira. Vai devagar. Se caíres, o teu primo ampara-te a queda. — Quando Moira passou para o outro lado, Blair olhou para Glenna.

— Nunca fiz escalada nas rochas — murmurou Glenna. — Até agora nunca tinha percebido para que servia. Bem, parece que há uma primeira vez para tudo.

— Vai correr bem. — Mas Blair observou o progresso de Moira e ficou aliviada por ela se mostrar quase tão ágil como o primo. — A descida daqui não é assim tão má. Não te há de matar.

Não acrescentou que haveria ossos partidos. Não era preciso. Hoyt e Glenna foram juntos e Blair seguiu-os.

Havia alguns pontos de apoio razoáveis para as mãos, descobriu — desde que não se estivesse preocupado com a manicure. Concentrou-se em cumprir a tarefa de descer e ignorou os salpicos frios.

Umhas mãos seguraram-na pela cintura e levaram-na nos últimos passos do percurso.

— Obrigada — disse a Larkin. — Mas já consegui.

— É um bocadinho complicado com a espada. — Ele olhou para a estrada e sorriu. — Mas é divertido.

— Vamos manter-nos em movimento. Eles devem ter guardas. Talvez alguns criados humanos; embora deva ser difícil manter humanos por perto se houver tantos vampiros como vocês disseram.

— Da outra vez não vi ninguém vivo fora das jaulas — disse Glenna.

— Desta vez será ao vivo e em carne e osso, por isso, se tiverem alguns, serão esses que mandarão sair. Avança tu, Hoyt, já que conheces a área.

— Agora está diferente. — Alguma da emoção e da mágoa que ele sentia foi transmitida pela sua voz. — Isto foi feito pela natureza e pelo homem. Aquela estrada por cima de nós, o muro, a torre com a luz.

Olhando para cima, viu os seus penhascos, a plataforma que lhe salvara a vida quando lutara com aquilo em que Cian se transformara. Outra, pensou ele, poderia chamar dali os relâmpagos com a mesma facilidade com que um homem chamava o seu cão.

Mudara, não podia negá-lo. Ainda assim, no fundo, era a sua casa. Caminhou através das rochas, por cima delas, através da espuma.

— Devia haver aqui uma gruta. E não há nada a não ser... — Pousou as mãos na terra e na rocha. — Isto não é real. Isto é falso.

— Talvez estejas no sítio errado — começou Blair.

— Espera. — Glenna aproximou-se e colocou as mãos ao lado das dele. — Uma barreira.

— Conjurada — concordou Hoyt, — para parecer terra, mas não é terra. Isto não é terra e rocha. É uma ilusão.

— Podes quebrá-la? — Larkin deu um murro na rocha, testando-a.

— Esperem. — Franzindo o sobrolho, Blair puxou o cabelo húmido para trás. — Ela tem suficiente magia para isto, ou há alguém aí dentro que a tem. Não sabemos o que ela tem mais. Isto é inteligente. — Blair testou também a rocha. — Verdadeiramente inteligente. Ninguém entra, a não ser que ela queira. Ninguém sai, a não ser que ela queira.

— Nesse caso, vamo-nos embora? — perguntou Larkin.

— Não foi isso que eu disse.

— Há mais aberturas, bolsas na parede. Havia — corrigiu Hoyt. — Isto é um feitiço poderoso.

— E ninguém tem curiosidade — as pessoas que vêm aqui, que vivem aqui — acerca do que lhes aconteceu — assentiu Blair. — Isso também é poderoso. Ela quer a sua privacidade. Teremos de a desapontar.

De mãos nas ancas, virou-se, procurando.

— Hoyt, tu e a Glenna são capazes de gravar uma mensagem nesta rocha grande?

— Pode-se fazer.

— Qual é a mensagem? — perguntou Glenna.

— Tenho de pensar numa, já que Vai Levar No Cu, Puta, parece um bocadinho ordinário de mais.

— Treme de medo! — murmurou Glenna, e Blair fez-lhe um aceno de aprovação.

— Excelente. Curto, incisivo e só um pouquinho descarado. Tratem disso, sim? Depois damos início ao resto.

— O que é o resto? — quis saber Larkin. Deu um pontapé de frustração na parede. — Teria de ser uma mensagem bem forte, para quebrar este feitiço.

— Pois teria, mas neste momento estou a pensar que ela não sabe que estamos aqui. Isso pode ser uma vantagem. — Ouviu algo que lhe pareceu uma pequena explosão de pólvora, e virou-se para ver as palavras *Treme de medo* profundamente gravadas na rocha. Por baixo destas encontrava-se gravada uma imagem, que partiu do princípio ser Lilith, com uma estaca atravessada no coração.

— Bom trabalho. Gosto mesmo da ilustração.

— Um pouco de floreado. — Glenna limpou as mãos. — Pinto e não consigo resistir ao sarcasmo.

— De que precisam para experimentar o feitiço do transporte?

Glenna suspirou.

— Tempo, espaço, concentração e uma sorte do caraças.

— Mas não daqui — disse Hoyt. — Os penhascos são meus. As grutas são dela. Por mais tempo que tenha passado, os penhascos continuam a ser meus. Vamos fazer o feitiço lá de cima. — Virou-se para Glenna. — Primeiro temos de ver. Não é possível transportar o que não podemos ver. É provável que ela nos sinta e faça tudo o que puder para nos deter.

— Talvez não seja imediato. Desta vez não andaremos à procura dela, mas de pessoas. Talvez não compreenda o que estamos a fazer e nos dê o tempo de que precisamos. O Hoyt tem razão, resultará melhor nos penhascos — disse Glenna a Blair. — Se conseguirmos trazer alguém cá para fora, não queremos que saiam aqui.

— Tens razão. — Talvez não obtivessem nenhuma informação sólida daquela incursão, pensou Blair, mas talvez também não se fossem embora de mãos a abanar. — Que faremos com eles, se resultar?

— Pomo-los em segurança. — Glenna ergueu as mãos. — Um passo de cada vez.

— Posso tentar ajudar. Não tenho muita magia — acrescentou Moira, — mas posso tentar ajudar.

— Mesmo pouco, tudo ajuda — disse Glenna.

— Ok, vão os três lá para cima. Eu e o Larkin ficamos aqui, para o caso de... bem, para qualquer caso. Qualquer coisa que saia por aqui para nos dar problemas, tem de ser humana. Nós tratamos disso.

— Pode demorar um pouco — avisou Glenna.

Blair examinou o céu.

— Ainda haverá luz do dia durante muito tempo.

Esperou que eles comessem a subir antes de falar para Larkin.

— Não podemos entrar. Se esta magia abrir as grutas, não podemos entrar. Estou a falar a sério. — Deu-lhe uma palmada no braço. — Posso ver o que estás a pensar.

— Ah, podes?

— Correr lá para dentro, pegar numa ou duas criadas assustadas e sair de lá como herói.

— Estás enganada acerca da parte do herói. Mas uma criada bonita e assustada é algo a que um homem tem dificuldade em resistir.

— Resiste. Não conheces as grutas, não sabes onde ela mantém os prisioneiros, e não sabes quantos são nem como estão equipados. Ouve, não estou a dizer que uma parte de mim não gostaria de atacar lá dentro caso isto abra, causar alguns danos, talvez salvar algumas vidas. Mas nunca sairíamos de lá vivos, nem mais ninguém.

— Temos as espadas que a Glenna e o Hoyt encantaram. As espadas de fogo.

Ela debateu-se com a frustração. Era tão irritante ter de explicar estratégia básica.

— E levamos alguns vampiros connosco, sem dúvida. Depois eles ter-nos-ão a nós e às espadas.

— Percebo o sentido do que estás a dizer, mas é difícil ficar aqui sem fazer nada.

— Se a equipa da magia levar isto a cabo, não será nada. Tu és demasiado bom numa luta para te perdermos a tentar alguma coisa que não tem hipótese de resultar.

— Oh, um elogio. Não são muitos os que saem da tua boca. — Ele sorriu-lhe enquanto gotas da espuma marítima lhe brilhavam no cabelo. — Não entrarei ali, dou-te a minha palavra. — Estendeu-lhe uma mão. Quando ela a segurou, ele apertou-a um pouco. — Mas nada nos impede de lançarmos algum fogo pelo buraco, caso esta maldita rocha se abra. Seria aquilo a que tu chamas fazer uma declaração, não é?

— Acho que sim. Mas não sejas demasiado ousado, Larkin.

— De certeza que nasci assim, receio bem. Que há de um homem fazer, afinal?

Virou-se para o muro e encostou-se a uma das rochas molhadas pela espuma. E parecia tão descontraído, pensou Blair, que podia estar sentado na sala diante da lareira.

— Bem, provavelmente dispomos de algum tempo agora. Então, diz-me, como ficaste a saber que serias uma caçadora de demónios?

— Queres que te conte a história da minha vida? Agora?

Ele moveu os ombros.

— Sempre passa o tempo. E admito alguma curiosidade acerca disso. Antes de sair de Geall, não teria acreditado em nada disto. E agora, bem...

— Olhou pensativamente para o muro de pedra e terra. — Que há de um homem fazer? — repetiu.

Ela achou que ele tinha razão. Aproximou-se, curvando o corpo para poder vigiar uma extensão da face do penhasco enquanto ele vigiava a outra.

— Tinha quatro anos. Era muito nova para compreender assuntos tão obscuros. Compreender que eram reais, e não apenas as sombras que as crianças julgam que são monstros. Na minha família, as coisas são um pouco diferentes. Pensava que seria o meu irmão. Tive ciúmes. Acho que é bastante natural, a rivalidade entre irmãos. — Blair introduziu as mãos nos bolsos do casaco, brincando ociosamente com a garrafa de plástico com água benta que aí pusera antes de saírem. — Ele teria uns seis anos, seis anos e meio. O meu pai estivera a prepará-lo. Acrobacias simples, artes marciais básicas e armamento. Muita tensão lá em casa nessa época. O casamento dos meus pais estava a desmantelar-se.

— Como?

— Coisas que acontecem. — Talvez no mundo dele o céu fosse róseo e o amor durasse para sempre. — As pessoas ficam insatisfeitas, os sentimentos mudam. Além disso, a minha mãe estava farta da vida, das coisas que afastavam o meu pai. Ela queria normalidade e o seu erro foi casar com alguém que nunca lha daria. Por isso, ela andava ocupada a arranjar brigas com o meu pai e ele andava ocupado a ignorá-la e a preparar o meu irmão.

O que significava, pensou Larkin, que ninguém lhe prestava atenção a ela. Pobre menina inocente.

— Então eu andava sempre atrás do meu pai para que me treinasse, ou a tentar fazer algumas das coisas que o meu irmão fazia.

— O meu irmão mais novo perseguia-me como uma sombra quando éramos pequenos. Suponho que isto é igual em todos os mundos.

— Lixava-te? Chateava-te? — corrigiu ela.

— Oh, às vezes punha-me doido. Outras vezes não me importava tanto. Se ele estivesse por perto, era mais fácil fazer-lhe maldades. Outras vezes, bem, não era assim tão má companhia.

— Bastante parecido com o que acontecia comigo e com o meu irmão. Então, naquele dia eles estavam na área de treino, um espaço onde a maior parte das pessoas teria uma sala para a família. — Mas era necessário ter uma família para apreciar uma sala familiar. — Tínhamos equipamento: pesos, um cavalo de arções, barras em alturas diferentes, aros. Uma das paredes estava completamente coberta por espelhos.

Ainda podia ver perfeitamente a forma como estes refletiam o pai e o irmão, tão juntos, enquanto ela ficava posta de lado, sozinha.

— Eu observava-os pelos espelhos. Eles não sabiam que eu estava ali. O meu pai mostrava ao Mick — o meu irmão — o seu descontentamento por ele não conseguir fazer um exercício. Mortal para trás — murmurou, — mergulhar, rolar os ombros, atirar a estaca ao alvo. O Mick não era capaz e o meu pai estava determinado a que ele o fizesse. Finalmente, o Mick irritou-se e atirou a estaca para o outro lado da sala.

Quase lhe embatera nos dedos, recordou. Como se estivesse destinada às suas mãos.

— Esta veio ter ao pé de mim. Eu sabia que era capaz de o fazer. Só queria mostrar ao meu pai que era capaz. Só queria que ele olhasse para mim. Por isso, fi-lo. Chamei-o: «Observa-me, pai» e fi-lo, da maneira que o vira fazer tantas vezes, tentando que o Mick compreendesse o ritmo.

Fechou os olhos por um momento porque ainda se conseguia ver, ainda conseguia reviver a sensação. Como se o mundo tivesse parado e apenas ela estivesse em movimento durante aqueles poucos segundos.

— Acertei-lhe no coração. Foi sobretudo sorte, mas acertei-lhe no co-

ração. Fiquei tão feliz. Olha o que eu fiz! Os olhos do Mick quase lhe caíram da cara... ostentavam aquele sorrisinho — só um pouco. Na altura, não sabia o que significava, pensei que apenas estava satisfeito com aquilo que fiz, porque em geral dávamo-nos bastante bem. O meu pai não disse nada durante alguns segundos — que me pareceram uma hora — e pensei que ia gritar comigo.

— Por teres feito uma coisa bem?

— Por me meter no caminho deles. E não esperava que gritasse, realmente. Ele nunca levantava a voz, era muito controlado. Julguei que me ia mandar voltar lá para cima, para junto da minha mãe. Dispensar-me, percebes? Mas não o fez. Mandou o Mick lá para cima e ficámos só os dois. Só eu e o meu pai que, finalmente, olhava para mim.

— Deve ter ficado muito orgulhoso, muito satisfeito.

— Caramba, não! — A gargalhada dela foi curta e sem qualquer humor. — Ficou dececionado. Foi isso que vi quando, finalmente, olhou para mim. Ficou desapontado por ser eu e não o Mick. Agora estava preso a mim.

— De certeza que ele... — Larkin interrompeu-se quando ela virou a cabeça e lhe viu os olhos. — Desculpa. Lamento que a sua falta de visão te tenha magoado.

— Não podemos mudar aquilo que somos. — Outra lição que aprendera duramente. — Então, ele treinou-me, e o Mick começou a jogar basbol. Era isso que significava o sorriso dele. Alívio, alegria. O Mick nunca quis aquilo que o meu pai queria para ele. Era mais parecido com a minha mãe. Quando ela partiu, pediu o divórcio, quero dizer, levou o Mick e eu fiquei com o meu pai. Consegui aquilo que queria, mais ou menos.

Ficou rígida quando Larkin lhe pôs um braço em volta dos ombros, mas quando se ia afastar, ele apertou-a mais, no conforto de um abraço só com um braço.

— Não conheço o teu pai nem o teu irmão, mas sei que prefiro estar aqui contigo do que com qualquer um deles. Lutas como um anjo vingador. E cheiras bem.

Arrancou-lhe uma gargalhada, uma gargalhada genuína e, com isto, ela relaxou encostada à rocha molhada, com o braço dele em torno dos seus ombros.



CAPÍTULO 3

Nos penhascos, o círculo estava formado. De vez em quando, ouvia-se um carro a passar na estrada, lá em baixo. Mas ninguém foi até lá, nem lhes tirou fotografias, nem se instalou no promontório.

Hoyt pensou que talvez os deuses estivessem a fazer aquilo que podiam.

— O dia hoje está tão claro. — Moira olhou para o céu. — Quase não há nuvens.

— Tão claro que se pode ver todo o caminho até Gaillimh através da água.

— Gailway. — Glenna pôs-se de pé, reunindo força e coragem. — Sempre quis lá ir, ver a baía. Deambular pela Shop Street.

— E havemos de o fazer. — Hoyt pegou-lhe na mão. — Depois do Samhain. Agora procuramos e encontramos. Estás certa da localização para onde os mandaremos, se os conseguirmos transportar?

Glenna assentiu com a cabeça.

— É melhor que esteja. — Pegou por sua vez na mão de Moira. — Concentra-te. E diz as palavras.

O primeiro rugido baixo do poder, do alcance, sentiu-o partir de Hoyt. Glenna aproximou-se, puxando Moira com ela.

— Neste dia e nesta hora, convoco de Morrigan, a deusa, o sagrado poder e oro para que nos conceda a sua graça e o seu saber. Em teu nome, Mãe, procuramos a visão, pedimos que nos guies para longe da escuridão.

— Senhora — disse Hoyt. — Mostra-nos os que são mantidos sob este solo, contra a sua vontade. Ajuda-nos a encontrar o que se perdeu.

— Cega as bestas que querem matar. — Moira esforçou-se por se concentrar enquanto o ar começava a redemoinhar em torno dela. — Os que não estão inocentes pagarão o preço.

— Deusa e Mãe — disseram em uníssono, — o nosso poder une-se para trazer à luz do dia o que está preso na noite fria. Agora procuramos, agora encontramos. Que a vossa vontade seja a verdade.

Escuridão e sombras e ar húmido e frio, tresandando a morte e decadência. Depois, um cintilar de luz, formas brilhando nas sombras. Ouviu-se o som de soluços, tão áspero, tão humano, e os queixumes e palavras ininteligíveis daqueles a quem não sobravam mais lágrimas para chorar.

Flutuaram através do labirinto de túneis, sentiram o frio como se os seus corpos caminhassem por eles. E as próprias mentes estremeceram com aquilo que viram.

Jaulas empilhadas, um metro de fundo por um e vinte de altura, aglomeradas numa gruta banhada por uma doentia luz verde. Mas as suas mentes viam, através da penumbra, o sangue empoçado no chão, os rostos dos aterrorizados e dos loucos. Enquanto olhavam, um vampiro destrancou uma das jaulas e puxou para fora a mulher que lá estava. O ruído que esta emitiu era uma espécie de lamentação fúnebre e os olhos dela pareciam já mortos.

— A Lora está aborrecida — disse enquanto a puxava pelos cabelos através do chão sujo. — Apetece-lhe qualquer coisa para brincar.

Numa das jaulas, um homem começou a esmurrar as barras e a gritar:

— Cabrões! Cabrões!

A lágrima que escorria pelo rosto de Glenna era gelada.

— Hoyt.

— Tentaremos. Ele, o que está a gritar. É forte e isso pode ajudar. Olha para ele. Não olhes para mais nada.

Porque precisava das palavras, tanto quanto da visão, Glenna começou a entoar um cântico. A voz de Moira juntou-se à dela. E o chão tremeu.

Larkin cantava. Era qualquer coisa acerca de uma criada de Dara, com cabelos pretos. Blair não se importava de o ouvir; ele tinha uma voz clara e natural. Do género, pensou, da de um homem acostumado a levantá-la num bar ou enquanto caminhava pelos campos. E era calmante ter a melodia, o rugido constante do mar e os raios quentes do Sol.

Além disso, o simples companheirismo era algo de diferente para ela. Normalmente, quando esperava, estava sozinha.

— Não tens contigo aquela coisinha? Aquela coisa pequena, com música lá dentro?

— Não. Desculpa. Quando tiver oportunidade, hei de comprar um par daqueles *Oakley Thumps* com o MP3 incorporado. Óculos de sol. — Desenhou com os dedos a forma dos óculos sobre o rosto, e ocorreu-lhe que Larkin ficaria muito atraente se os usasse. — Com aquela coisa pequena com a música dentro deles.

— Podes usar a música? — O rosto dele iluminou-se. — Que mundo de milagres é este!

— De milagres, não sei, mas está repleto de tecnologia. Quem me dera ter-me lembrado de trazer o leitor. — A música seria mais fácil que aquela conversa. Raios, estava acostumada a esperar sozinha. Nada de ficar por ali com um companheiro, a trocar conversa mole e histórias de vida.

Estava a deixá-la nervosa.

— Bem, não faz mal. Era bom se eu tivesse a minha *pipe*¹.

— Cachimbo? — Ela virou a cabeça. A ideia de um cachimbo não combinava com aquele rosto dourado de deus irlandês. — Fumas cachimbo?

— Fumar? Não, não. — Ele riu-se, mudou o peso para o outro pé enquanto punha as mãos diante da boca e levantava os polegares. — Toco. Flauta de cana. De vez em quando.

— Ah, está bem. — Os olhos dele eram da cor do mel bom e escuro.

Ficaria bem com um par de *Oakleys*, pensou, mas seria uma pena tapar aqueles olhos com lentes. — Já percebi.

— Tocas alguma coisa?

— Eu? Não. Nunca tive tempo para aprender. A não ser que contes fazer um batuque com vampiros. — Voltou à mímica, parecia que havia uma série de charadas entre eles, batendo com os punhos no ar.

— Bem, de uma coisa não há dúvida, a tua espada canta. — Ele deu-lhe uma palmadinha amigável no ombro. — E este seria um bom lugar para uma batalha, estou agora a pensar. — Bateu ritmicamente com os dedos no punho da espada. — O mar, as rochas, o Sol brilhante. Um bom lugar!

— Claro, se te agrada não ter um caminho de fuga, ou escorregares nas rochas e afogares-te.

Ele lançou-lhe um olhar de piedade e um suspiro.

— Não estás a levar em consideração a atmosfera, o tom dramático de tudo isto. Os vampiros podem afogar-se? — perguntou.

— Não propriamente. Eles... Sentiste isto? — Ela afastou-se da rocha quando o chão sob os seus pés vibrou.

— Senti. Deve ser o feitiço a funcionar. — Ele empunhou a espada e examinou a parede do penhasco. — Talvez as grutas aqui por trás apareçam agora.

¹ Em inglês, a palavra *pipe* pode significar cachimbo ou flauta de cana. (N. da T.)

— Se isso acontecer, não entras. Deste-me a tua palavra.

— E mantenho-a. — O seu rosto transmitiu irritação. Ele era agora o soldado, percebeu ela, e não o camponês tocador de flauta. — Mas se um deles puser a cabeça de fora, nem que seja só um bocadinho... Estás a ver alguma coisa? Não vejo nada diferente de antes.

— Não, nada. Talvez seja o trio mágico nos penhascos. Parece que tiveram tempo suficiente para fazer alguma coisa. — Conservou a mão sobre a estaca que levava no cinto enquanto avançava o mais que se atrevia na direção das ondas que batiam nas rochas. — Daqui, não consigo ver. Podes, por exemplo, ser um pássaro? Um falcão, ou algo assim? Dar uma olhadela ali de cima?

— Posso, é claro. Mas não me agrada deixar-te aqui sozinha.

A irritação enrijeceu-lhe a coluna. Ali estava ela, a explicar-se mais uma vez.

— Estou ao sol, os vampiros não podem sair. Além disso, trabalhei sozinha durante muito tempo. Vamos fazer um ponto da situação no tempo mágico. Desagrada-me não saber em que ponto nos encontramos.

Podia fazê-lo rapidamente, pensou ele. Podia ir lá acima e voltar para baixo numa questão de minutos. E, lá de cima, podia vê-la, assim como podia ver qualquer coisa que se aproximasse dela e o grupo que estava nos penhascos.

Então, entregou a sua espada a Blair e pensou no falcão. Na sua forma, na sua visão e no seu coração. A luz brilhou na direção dele, sobre ele. Durante essa metamorfose, enquanto os braços se transformavam em asas e os lábios formavam um bico, enquanto as garras cresciam e se curvavam, sentiu uma dor súbita e de cortar a respiração.

Depois, a liberdade.

Levantou voo, um falcão dourado que abraçou os ares e rodopiou uma vez sobre Blair, com um grito de triunfo.

— Uau! — Ela olhou para cima, observando a majestade e poder puros do seu voo. Já o vira transformar-se, cavalgara no seu lombo quando ele assumira a forma de um cavalo na batalha. Mesmo assim, ficou assombrada.

— Isto é tão *sexy*!

Enquanto o solo continuava a tremer, segurou a espada de Larkin e empunhou a sua. E, com o mar a rugir nas suas costas, enfrentou a parede vazia do penhasco.

Lá em cima, o falcão varria os ares sobre os penhascos. Via com nitidez suficiente para distinguir cada folha de relva, as pétalas das toscas flores silvestres que lutavam por abrir caminho através das fissuras nas pedras, em busca do Sol. Viu a longa extensão da estrada, a plataforma vasta do mar e todo o caminho até este se encontrar novamente com a terra.

O falcão ansiava por voar, e por caçar. O homem dentro dele combateu esta ânsia enquanto examinava o céu. Conseguia vê-los lá em baixo, a prima, a bruxa e o feiticeiro, com as mãos unidas, de pé sobre o solo que tremia. Neles e à sua volta havia uma luz selvagem e branca, um círculo rodopiante que se erguia numa torre para fazer o ar tremer da mesma maneira que o chão.

O vento alcançou-o, puxando-lhe as penas como dedos ansiosos. No vento, conseguia ouvir as vozes deles em uníssono e sentia o seu poder, uma corrente quente que varria o ar rodopiante.

Depois, esse vento abateu-se sobre ele e enviou-o num mergulho em espiral.

Blair ouviu o grito do falcão, viu a espiral que este descrevia. O coração alojou-se-lhe na garganta enquanto Larkin caía. Ficou ali, uma bola quente e dura, enquanto o falcão, de asas abertas, mudava de rumo. Depois mergulhou graciosamente e aterrou aos pés dela.

Por um momento, viu a mistura de ambos, falcão e homem. Em seguida, Larkin estava de pé, diante dela, a respiração laboriosa, o rosto pálido.

— Que raio foi isso? Que raio aconteceu? Pensei que ias esmagar-te no chão. Tens o nariz a sangrar.

Ele ouvia a voz dela muito débil e abanou a cabeça como que para a tornar mais clara.

— Não é para admirar. — Limpou o sangue. — Está a acontecer qualquer coisa lá em cima. Algo muito forte, a julgar pela sensação. Raios, a luz quase me cegou, e o vento está maléfico. Não tenho a certeza se eles estão com problemas. Mas acho que é melhor irmos lá acima para nos certificarmos.

— Está bem. — Ela ia entregar-lhe a espada quando o chão se moveu. Desequilibrada, caiu para a frente. Ele conseguiu agarrá-la, mas o impulso atirou-o para trás, de encontro à rocha, e por pouco não foram ambos parar à água.

— Desculpa, desculpa. — Mas a alternativa era encostar-se a ele ou cair. — Estás ferido?

— Não, só fiquei outra vez completamente sem ar.

A espuma da onda seguinte ensopou-os a ambos.

— Raios para isto. É melhor sairmos daqui.

— Concordo. Aguenta-te, agora.

Enrolaram os braços em torno da cintura um do outro, esforçando-se por se manterem direitos. Pedra e rocha começaram a tombar pela face do penhasco, tornando a ideia de voltar a subi-lo pouco atrativa, se não mesmo impossível.

— Sou capaz de nos levar até junto dos outros — disse-lhe ele. — Só tens de te agarrar bem, e eu... — Interrompeu-se quando a própria parede começou a oscilar, a mudar. A abrir.

— Bem — murmurou ele. — Que temos aqui agora?

— O feitiço resultou, ou falhou. Podem ser problemas.

— Espero que não.

— Também eu.

Exatamente quando Larkin falava, eles saíram. Grandes e corpulentos, armados com espadas.

— Como é que podem...

— Não são vampiros. — Blair afastou-se de Larkin, firmando bem os pés no chão. Percebeu que o facto de o chão estar a tremer era tão problemático para o inimigo como para ela e Larkin. — Luta agora, explica depois.

Ela ergueu a espada e bloqueou o primeiro golpe. A força fez-lhe ricochete pelo braço abaixo, enquanto o chão se retorcia sob os seus pés. Usou essa força para se baixar e voltar a bloquear, enquanto tirava uma das estacas do cinto.

Espetou-lha na perna. Ele cambaleou, gritou e ela investiu com a espada.

Uma baixa, pensou, recusando-se a lamentá-lo. Virou-se e quase caiu quando o chão se levantou, e houve um embate de metal com o que apareceu atrás dela.

Pelo canto do olho, viu Larkin lutar com dois ao mesmo tempo.

— Pata de urso — gritou Blair.

— É uma ideia.

O braço dele engrossou, aumentou de comprimento. Com as garras pretas curvadas para fora, golpeou, enquanto investia com a espada na outra mão.

Estavam a aguentar-se, pensou Blair, mas não mais do que isso. Não havia espaço de manobra quando um passo em falso podia atirar com eles ao mar.

Esmagados nas rochas, varridos para o mar. Pior que a espada. Fosse como fosse, naquele momento não podiam subir. A única escolha era ficar ali e lutar.

Ela caiu, rodou sobre si própria e a espada cravou-se no chão rochoso a poucos centímetros do seu rosto. Ergueu as pernas, bateu com força e enviou o adversário para o mar.

Eram demasiados, pensou enquanto se punha de pé e cambaleava. Mas podia ser pior. Podia...

A luz mudou, enfraqueceu. Com o falso crepúsculo vieram os primeiros salpicos de chuva.

— Santo Deus, ela está a convocar a escuridão.

Os vampiros começaram então a sair da gruta. O mar e uma morte dura por afogamento pareciam, de repente, a melhor alternativa.

Fazendo um cálculo rápido, fez o fogo descer através da espada. Podiam bloqueá-los com fogo, evitar o avanço de alguns, destruir outros. Mas seriam demasiados os que conseguiriam passar.

— Não conseguimos vencer isto, Larkin. Transforma-te em falcão, vai ter com os outros. Tira-os daqui. Mantê-los-ei à distância o máximo de tempo que conseguir.

— Não sejas parva. Continua. — Atirou-lhe a sua espada. — Aguenta-te.

Ele transformou-se, mas não foi um falcão que surgiu ao lado dela. As asas douradas do dragão abriram-se e, quando este recuou, a sua cauda retalhou o primeiro que saiu da gruta.

Sem pensar, ela saltou-lhe para as costas, trancando as pernas em torno do seu corpo serpenteante. Desferiu um golpe para a esquerda, contra um dos que os atacava. De repente estava a erguer-se, através das trevas e do nevoeiro.

E não conseguiu resistir, não conseguiu evitá-lo. Soltou um grito selvagem, de puro deleite, atirando a cabeça para trás enquanto empunhava as espadas na direção do céu. E ambas ficaram em chamas.

O vento passou rapidamente por ela, o solo precipitou-se. Embainhou uma das espadas para poder passar uma mão pelo dragão. As escamas, de um dourado brilhante, pareciam joias polidas, aquecidas pelo Sol e macias. Olhando para baixo, viu terra e mar, e bolsas rodopiantes de neblina que cobriam os dentes das rochas.

Depois viu, no penhasco alto, três figuras deitadas na relva dura e molhada.

— Vai lá abaixo. Vai lá depressa! — Sabia que ele conseguia ouvi-la e compreendê-la sob qualquer forma, mas podia ter poupado o fôlego.

O impacto da velocidade bateu-lhe nas costas enquanto ele se dirigia como uma seta para terra. Desmontou enquanto ele ainda estava a aterrar e começava a voltar à forma habitual.

O medo era como prata brilhante na sua barriga, mas viu Hoyt sentar-se e estender o braço para Glenna. O nariz dele sangrava, assim como o dela. Quando Larkin chegou junto de Moira e a virou, Blair viu-lhe sangue nos lábios.

— Temos de nos mexer, temos de partir. Eles podem seguir-nos e, se quiserem, podem ser rápidos. — Pôs Glenna de pé. — Vamo-nos embora depressa.

— Estou tonta. Desculpa, eu...

— Encosta-te a mim. Larkin...

Mas Larkin já escolhera o seu método. Ela afastou o cabelo molhado enquanto empurrava Glenna para o cavalo em que ele se transformara.

— Montem. Tu e a Moira. Eu e o Hoyt vamos logo atrás. Consegues andar? — perguntou a Hoyt.

— Consigo. — Mesmo com as pernas trémulas, ele avançou rapidamente, enquanto Larkin galopava. — Passou tanto tempo. Já caiu a noite.

— Não. Foi ela, a Lilith, que fez isto. Tem mais poder do que eu pensava.

— Não, não foi ela. — Hoyt foi obrigado a pousar uma mão no ombro de Blair, para se equilibrar. — Ela tem alguém, ou alguma coisa, com o poder de fazer isto.

— Descobriremos. — Meio a carregá-lo, meio a arrastá-lo, introduziu-o na carrinha, onde Larkin já ajudava as outras mulheres a acomodarem-se.

— Glenna, as chaves. Eu conduzo.

Glenna tirou-as do bolso.

— Só preciso de um minuto ou dois para recuperar. Aquilo foi... duro. Moira?

— Estou bem. Só um bocadinho enjoada, é tudo. E dói-me um pouco o estômago. Nunca... nunca tinha tocado em nada como aquilo.

Blair conduziu, com suficiente velocidade para cobrir alguma distância, e manteve um olho no retrovisor, não fosse alguém segui-los.

— Terramotos, falsos crepúsculos, uns relâmpagos. O raio de uma cavalgada. — Reduziu a velocidade quando o Sol começou novamente a romper. — Parece que ela desistiu de nós... para já. Ninguém está ferido? Só abalados?

— Não, feridos não. — Hoyt puxou Glenna para si e limpou-lhe as lágrimas do rosto com os lábios. — Não faças isso. *A ghrá*, não chores.

— Eram tantos, tantos! Gritavam.

Blair inspirou cuidadosamente duas vezes.

— Não façam isso a vós mesmos. Tentaram, fizeram o vosso melhor. Era muito difícil conseguirem tirar alguém de lá.

— Mas tirámos! — Glenna virou o rosto para o ombro de Hoyt. — Cinco. Tirámos cinco, mas não pudemos aguentar mais.

Perplexa, Blair parou na berma e virou-se.

— Tiraram cinco? Onde estão?

— No hospital. Pensei...

— Glenna pensou que, se os conseguíssemos tirar, devíamos transportá-los para um lugar onde estivessem seguros e cuidassem deles. — Moira baixou o olhar para as suas mãos vazias.

— Inteligente. Muito inteligente. Assim obtêm rapidamente assistência médica e nós evitamos ter de responder a perguntas embaraçosas. Parabéns.

Glenna ergueu a cabeça e o seu olhar era o de uma pessoa devastada.

— Eram tantos. Tantos mais.

— Mas cinco pessoas estão vivas, e em segurança.

— Eu sei, eu sei. Tens razão. — Endireitou-se, limpou as faces com as mãos. — Estou só abalada.

— Fizemos aquilo que vínhamos fazer. Até mais.

— O que eram eles? — perguntou-lhe Larkin. — Aqueles que tu e eu combatemos? Disseste que não eram vampiros.

— Meios-vampiros. Mas ainda humanos. Foram mordidos, provavelmente muitas vezes, mas não os secaram. E não podem misturar sangue, não se transformaram.

— Nesse caso, porque lutaram contra nós?

— Estão controlados. O termo mais apropriado, julgo eu, é *subjugado*. Estão subjugados e fazem aquilo que lhes ordenam. Conteí sete, todos tipos grandes. Demos conta de quatro. Ela não deve ter mais, pelo menos não terá muitos mais. É preciso ser duro para os manter sob controlo.

— Houve uma luta? — perguntou Glenna.

Blair voltou à estrada.

— As grutas abriram-se. Ela mandou o primeiro grupo, de meios-vampiros. Depois fez aquele truquezinho com o tempo.

— Pensaste que eu te deixaria ali — interrompeu Larkin. — Pensaste que te deixaria lá, para eles.

— A primeira prioridade é mantermo-nos vivos.

— Pode ser, mas não abandono os amigos, ou um companheiro de luta. Que género de homem pensas que sou?

— Boa pergunta

— E a resposta não é cobarde — disse ele severamente.

— Não é, e está muito longe disso. — Ela tê-lo-ia deixado? Não, admitiu. Não teria podido, e sentir-se-ia insultada se ele a mandasse embora. — Não consegui pensar em mais nada para manter os outros vivos, para a impedir de vencer. Como é que podia saber que tinhas um dragão no teu repertório?

No banco de trás, Glenna engasgou-se.

— Um *dragão*?

— Tenho pena que não tenhas visto. Foi brutal. Mas, por Deus, Larkin, um dragão? Alguém podia ter visto. Claro que toda a gente pensaria que estava doido, mas mesmo assim.

— Porquê?

— Porquê? Bem, sabes, é que os dragões não existem.

Fascinado, ele virou-se no banco.

— Aqui não têm dragões?

Blair olhou-o.

— Não — respondeu lentamente.

— Olha que é uma pena. Moira, ouviste? Não têm dragões aqui na Irlanda.

Moira abriu os olhos cansados.

— Acho que ela quer dizer que não têm dragões neste mundo.

— Bem, isso não é possível. Ou é?

— Não há dragões — confirmou Blair. — Não há unicórnios nem cavalos alados, não há centauros.

— Ah, está bem. — Ele estendeu a mão para lhe dar uma palmadinha no braço. — Têm carros, e estes são interessantes. Estou esfomeado — disse, após um momento. — Alguém está esfomeado? Todas aquelas transformações deixaram-me vazio. Podemos parar algures e comprar algumas daquelas coisas crocantes dentro de um saco?

Não foi exatamente um banquete de vitória, a mastigar batatas fritas com sal e vinagre e a bebericar gasosa de uma garrafa, mas conseguiram chegar a casa.

Quando se aproximaram, Blair enfiou as chaves no bolso.

— Vocês os três vão para dentro. Eu e o Larkin podemos ocupar-nos das armas. Ainda estão muito pálidos.

Hoyt ergueu o saco com o sangue que comprara no talho.

— Vou levar isto ao Cian.

Blair aguardou até eles estarem lá dentro.

— Temos de falar com eles — disse a Larkin. — Estabelecer alguns parâmetros, alguns limites.

— Falaremos. — Ele encostou-se à carrinha, olhando para a casa. Era bom, pensou, e de certa forma curioso, o modo como por vezes se entendiam sem palavras. — Estamos de acordo? Eles não podem usar aquele tipo de magia, pelo menos frequentemente, a não ser que não haja alternativa.

— Narizes a sangrar, enjoos, dores de cabeça. — Ela tirou as armas da bagageira. Tinha uma equipa, pensou, tinha de se preocupar com os seus membros. Não havia escolha. — Só de olhar para Moira, podia ver a dor de cabeça dela. Não pode ser bom para eles, o preço físico que têm de pagar.

— Ao princípio, quando os vi no chão, pensei...

— Sim. — Ela soltou um suspiro longo e débil. — Também eu.

— Acabei por ter muitos sentimentos pelo Hoyt e pela Glenna. E pelo

Cian, já agora. É mais forte, ainda mais profundo que a amizade. Talvez seja ainda mais que laços de família. Moira... Ela sempre foi minha, tu sabes. Não sei como poderia viver se lhe acontecesse alguma coisa. Se eu não o impedisse.

Colocando as armas de lado, Blair apoiou-se na parte de trás da carrinha.

— Não pode ser assim. O facto de não o poderes impedir se alguma coisa lhe acontecer, ou a qualquer um de nós. Cada um tem de fazer o que for necessário para sobreviver, e fazer tudo o que for possível para vigiar as costas dos outros. Mas...

— Tu não compreendes. — Os olhos dele eram ferozes quando encontraram os dela. — Ela é parte de mim.

— Não, não compreendo porque nunca tive ninguém assim na minha vida. Mas acho que a compreendo suficientemente bem para saber que ficaria magoada, talvez até lixada, se achasse que te sentias responsável por ela.

— Não é responsável. Isso torna as coisas uma obrigação, e não é disso que se trata. É amor. Sabes o que é isso, não sabes?

— Sim, sei o que é. — Irritada, começou a descer da carrinha, mas ele virou o corpo até a bloquear.

— Pensas que não senti nada por ti quando estávamos os dois de costas para o mar e aqueles demónios saíram da escuridão? Achas que não senti nada e por isso partiria, para me salvar, porque tu mo mandaste fazer?

— Não sabia que ias tirar um dragão da cartola, por isso...

Ela deteve-se e ficou rígida quando ele estendeu uma mão e lhe pegou no queixo.

— Achas que não senti nada — repetiu, e os seus olhos eram profundos, dourados e atenciosos. — Que não sinto nada agora?

E, raios, era isso que ela pensava. Ficou constrangida.

— Não te perguntei quais eram os teus sentimentos — começou ela.

— Estou a dizer-te, perguntas ou não. — Aproximou-se um pouco mais, as pernas plantadas de cada lado dela, os olhos fixando-a. Curiosamente. — Não posso dizer que sei o que sinto porque acho que nunca senti isto antes. Mas há qualquer coisa quando olho para ti. Quando te vejo em batalha. Ou quando te observava, ainda hoje de manhã, movendo-te na neblina como se fosses mágica.

Tal como ela sentira qualquer coisa, admitia-o, quando cavalgara nas costas dele para a batalha. Quando o vira animar-se com a música.

— Isto é mesmo má ideia.

— Não disse que tinha uma ideia, mas tenho sentimentos, tantos que pareço não ser capaz de os distinguir uns dos outros e analisá-los bem. E, assim...

A cabeça dela inclinou-se para trás enquanto ele se inclinava para ela. Ela bateu-lhe com a mão no pulso.

— Oh, está um bocadinho quieta — pediu ele, com uma pequena gargalhada. — E deixa-me tentar isto. Não podes ter medo de uma coisa tão fácil como um beijo.

Medo, não, mas cautela, certamente. Curiosidade, certamente. Sentou-se, os dedos de uma mão apoiados na traseira da carrinha, os da outra em torno do pulso dele.

Os lábios dele eram suaves sobre os dela, apenas uma insinuação de contacto. Um roçar, um esfregar, um mordisco leve e provocador. Blair teve um momento para pensar que ele era muito bom naquele jogo antes de a neblina flutuar sobre a sua cabeça.

Forte, pensou ele. Sabia que seria forte e era um maravilhoso abanão no sistema. Mas também havia doçura; ele não tinha tido a certeza disso. Beijá-la era como ter vinho a percorrer-lhe o sangue.

E havia uma necessidade, algo que parecia ser um poço profundo e fervilhante de necessidade nele. Ele tinha esperança nela.

O beijo tornou-se tão profundo que ele sentiu o som do seu prazer a ronronar-lhe na garganta. E então sentiu aquele maravilhoso corpo dela a encostar-se e a ceder ao seu.

Quando ia deitá-la de costas ao lado das espadas e dos machados, ela pôs-lhe uma mão no peito e afastou-o.

— Não.

— Ouvi muito bem, mas não foi isso que senti.

— Talvez não, mas é o que estou a dizer.

Percorreu-a do ombro ao pulso com um dedo, enquanto lhe examinava o rosto.

— Porquê?

— Não tenho a certeza porquê. Não tenho a certeza, por isso é não.

Ela virou-se e começou a reunir as armas.

— Queria fazer uma pergunta. — Ele sorriu quando ela olhou por cima do ombro. — Usas o cabelo tão curto para eu ficar encantado com a tua nuca? Esse declive aí dá-me vontade de... o *lamber*.

— Não. — *Ouçam só a maneira como ele usa aquela voz*, pensou ela. As mulheres de Geall deviam persegui-lo como cachorrinhos. — Uso-o curto para o inimigo não ter muito por onde agarrar e puxar no caso de querer lutar como uma rapariga. — Virou-lhe as costas. — E fica-me bem.

— Lá isso, fica. Como uma rainha do reino das fadas. Sempre pensei que, se existissem, teriam no seu rosto força e coragem.

Debruçou-se na direção dela e ela encostou-lhe a lâmina de uma espada ao peito.

Ele baixou o olhar para a espada, depois ergueu-o para ela. Desta vez o seu sorriso era muito divertido.

— Isso é bastante mais que não. Ia só beijar-te outra vez. Não ia pedir mais nada. Só mais um beijo.

— Tu és terrivelmente giro — disse ela depois de um minuto. — E estaria a mentir se dissesse que não estou tentada. Mas como és terrivelmente giro e tentador, ficamo-nos só por um.

— Está bem, então, se é assim que tem de ser. — Passou ao lado dela, pegou num machado, e no balde com as estacas. — Mas vou ficar a pensar noutro. E tu também.

— Talvez. — Ela encaminhou-se para casa, os braços carregados de armas. — Um pouco de frustração vai dar-me pica.

Ele abanou a cabeça enquanto a fitava. Era, pensou, a mais fascinante das mulheres.



CAPÍTULO 4

Blair foi diretamente para cima, guardou as armas na zona de treino, e depois voltou a descer as escadas das traseiras para a cozinha. Larkin podia limpar as espadas, decidiu ela. Gastar alguma daquela energia sexual.

Encontrou Glenna na cozinha, e a chaleira ao lume.

— Estou a fazer um chá. Uma mistura para acalmar os nervos do dia.

— Ouvi dizer que o álcool faz isso. — Pensando nisso, Blair abriu o frigorífico e tirou uma cerveja.

— Para mim, isso fica para mais tarde. O meu sistema ainda está um bocadinho retorcido. O Hoyt foi lá acima ver o Cian. Informá-lo do que aconteceu.

— Ótimo. Precisamos de falar, Glenna.

— Posso explicar-te os passos e estágios dos feitiços mais tarde, caso precises? Agora ainda está tudo um pouco difícil e vivo.

— Não, não preciso. Esse é o teu território. — Blair endireitou-se, encostou-se à mesa e observou Glenna a manter as mãos ocupadas. — Falo a sério. Quando se trata dessa área, sou uma leiga. Há quem tenha inclinações mágicas e habilidades de feiticeiro na minha família. Mas nada que se pareça com o que vocês têm.

— Agora tenho mais que antes. Talvez esteja mais aberta a isso. — Tirou alguns ganchos do bolso e, com eficácia, arranjou o cabelo ao alto. — Talvez seja da conexão com o Hoyt, da conexão que temos todos uns com os outros. Seja o que for, estou a encontrar em mim poderes que nem imaginava.

— Também te fica bem. Tens de saber, de aceitar, de compreender, que aquilo que vocês os três fizeram hoje foi fantástico, foi poderoso e salvou vidas. E, independentemente disso, tens de saber, aceitar e compreender que não podem repeti-lo. Pelo menos nos próximos tempos.

— Podíamos ter conseguido mais, julgo eu — disse Glenna sem se virar. — Talvez um ou dois de cada vez. Fomos gananciosos, queríamos tirar todos os que pudéssemos e cansámo-nos demasiado tempo.

— Glenna, como já disse, esse é o teu território. Mas era eu que estava a olhar para vocês depois de o revés acontecer. O facto é que, tanto eu como o Larkin pensámos, por um minuto, que estavam mortos. Afinal, estavam só completamente esgotados.

— Sim, é verdade. Esse é o termo correto.

— Da próxima vez, podem não recuperar.

— Não é por isso que estamos aqui? — As mãos de Glenna já não tremiam, enquanto media as folhas de chá. — Para arriscar tudo? Não é verdade que qualquer um de nós pode não voltar de cada vez que sai por aquela porta, de cada vez que pega numa arma? Quantas vezes pegaste numa arma e no dom que tens, e arriscaste tudo?

— Não posso contar as vezes. Isto é diferente. Tu sabes. O Larkin e eu... precisamos de vocês. Precisamos que estejam fortes e saudáveis.

— Quase morreram hoje, não foi?

— Graças ao rapaz-dragão...

— Blair. — Glenna virou-se, aproximou-se dela e fechou a mão com força sobre a de Blair.

Conexões, dissera Glenna, e Blair podia senti-las agora. Não podia fugir à verdade, decidiu Blair, com alguém com quem estava tão intimamente conectada.

— Bem... foi mau. Suficientemente mau para eu não saber se escaparíamos. Mas podia ter sido pior. Todos fizemos o nosso trabalho e agora eu estou a beber uma cerveja e tu estás a fazer chá. Ainda bem para nós.

— Tu és melhor nisto do que eu — murmurou Glenna.

— Não, não sou. Apenas estou mais habituada. Estando mais habituada, posso beber uma cerveja porque sei que, hoje, não só a derrotámos, como a insultámos e isso provoca-me um formigueiro até aos dedos dos pés. E sabes o que me apetecia?

— Acho que sei. Gostarias de voltar lá e repetir tudo.

— Podes apostar que sim. Nada melhor, essa é a pura verdade. Mas seria estúpido e uma indulgência connosco próprios, e, provavelmente, acabaríamos todos mortos. Assume a vitória, Glenna, porque podes ter a certeza que a conquistaste. E aceita que talvez não possas voltar a fazer isto da mesma maneira.

— Eu sei. — Glenna voltou para o fogão quando a água começou a ferver. — Sei que tens razão. É difícil aceitar que tens razão. Nas últimas semanas, realizei magias mais fortes do que alguma vez sonhei existirem. Isto arrepia, e tem o seu preço. Sei que precisaremos de mais tempo, de mais preparação se tentarmos fazer aquilo que fizemos hoje.

Deitou a água para o bule.

— Pensei que perdêramos a Moira — disse calmamente. — Senti-a a cair, a escorregar. Em termos de magia, ela não é tão forte como eu, e de certeza que não é tão forte como o Hoyt. — Enquanto o chá macerava, virou-se para encarar Blair. — Deixámo-la ir. Deixámo-la ir, apenas um instante antes de aquilo explodir. Não sei o que lhe teria acontecido se a tivéssemos mantido connosco.

— Teriam tirado tantos lá de dentro sem ela?

— Não, precisávamos dela.

— Assume a vitória. Hoje foi um dia bom. Mas tenho uma pergunta. Como sabias para onde os enviar? Não falo em termos de magia, mas de logística.

— Oh, eu tinha um mapa. — Glenna sorriu um pouco. — Já calculara os percursos mais rápidos para os hospitais, para o caso de algum de nós precisar. Portanto, foi só uma questão de, bem... seguir o mapa.

— Um mapa! — Depois de uma gargalhada, Blair deu um grande gole. — Tu és de mais, Glenna! Se aquela cabra vampira te tivesse na sua equipa, estávamos perdidos. Que raio de dia! — disse com um suspiro. — Eu montei um raio de um dragão!

— Foi engraçado, não foi, como ele ficou surpreendido por não os termos. — Rindo e mais à vontade, Glenna foi buscar chávenas e pires. — Qual era o aspeto dele? Às vezes, pinto-os.

— O aspeto que tu esperarias, acho eu. Era dourado. Uma cauda longa e maléfica; deu cabo de um par deles com ela. E o corpo era mais sinuoso que serpenteante. Longos e sinuosos, o corpo, a cauda, a cabeça. Olhos dourados. Santo Deus, era lindo. E as asas, amplas, afiladas, translúcidas. Escamas do tamanho das minhas mãos, que iam de dourado-claro a dourado-escuro, passando por todos os tons intermédios. E a rapidez? Santo Deus, como ele é veloz. É como montar o Sol. Eu fiquei...

Interrompeu-se quando viu Glenna encostar-se à bancada da cozinha, a sorrir.

— Que foi?

— Pergunto-me se esse teu olhar é pelo dragão ou pelo homem.

— Estamos a falar do dragão. Mas o homem também não é mau.

— Lindo, fabulosamente adorável e com o coração de um campeão.

Blair ergueu as sobrancelhas.

— Ouve, não te casaste recentemente? Com outra pessoa?

— Não fiquei cega por isso. Só para tua informação, o Larkin fica com esse mesmo olhar muitas vezes, quando se vira na tua direção.

— Talvez fique e talvez eu pense em aproveitar a oportunidade um dia destes mas, para já... — Afastou-se da mesa. — Vou lá acima tomar um duche bem longo e bem quente.

— Blair? Por vezes o coração de um campeão é terno.

— Não ando à procura de corações para magoar.

— Estava também a pensar no teu, claro — replicou Glenna quando ficou sozinha.

Ao passar, Blair ouviu vozes na biblioteca, mudou de direção e aproximou-se apenas o suficiente para as identificar. Satisfeita por Larkin estar a falar com Moira, voltou à escada. A única coisa que queria era lavar o sal do mar, o sangue e a morte.

Deteve-se ao cimo das escadas quando viu Cian nas sombras do corredor. Sabia que os seus dedos tinham descido até à estaca do cinto, e não se incomodou em disfarçar. Eram reflexos. Caçador, vampiro. Tinham ambos de aceitar isso e prosseguir.

— Um pouco cedo para estares a pé e já andares por aqui, não é?

— O meu irmão não tem respeito pelo meu ciclo de sono.

Havia algo de sobrenaturalmente sexual, pensou ela, no facto de um vampiro olhar para fora da luz encoberta. Ou, pelo menos, havia em relação àquele.

— O Hoyt passou um mau bocado.

— Isso pude eu ver. Parecia doente. Mas, afinal... — O seu sorriso foi lento e deliberado. — Ele é humano.

— Trabalhas esse tipo de coisa? A voz de seda, o sorriso perigoso?

— Nasci com isto. Morri com isto, também. Vamos entender-nos, tu e eu?

— Acho que temos de o fazer. — Viu o olhar dele deslizar para a sua mão, e a estaca por baixo dela. — Não pude evitar. — Mas ergueu a mão e enfiou o polegar no cinto. — Está entranhado.

— Gostas do teu trabalho?

— Acho que sim, de certa forma. Sou boa nisto e tens de gostar de fazer aquilo em que és bom. É o que faço. É o que sou.

— Sim, somos o que somos. — Aproximou-se mais. — Ela devia ser parecida contigo quando tinha a tua idade. Não, suponho que era mais nova, a nossa Nola, quando era parecida contigo. As mulheres envelheciam mais depressa nessa altura.

— Muitas vezes os vampiros procuram a família para as suas primeiras mortes.

— A casa é o lugar aonde vais e têm de te deixar entrar. Achas que algum dos outros nesta casa estaria vivo se eu não o quisesse?

— Não. — Era, então, chegado o momento da honestidade. — Acho que terias brincado com eles por alguns dias, talvez uma semana. Obterias alguma animação e esperavas até confiarem em ti e baixarem a guarda. Depois, tê-los-ias chacinado.

— Pensas como um vampiro — reconheceu ele. — Faz parte das tuas habilidades. Nesse caso, porque não os terei chacinado todos?

Ela manteve os olhos fixos nos dele, abalada pelo facto de ser quase como olhar para os seus. A mesma cor, a mesma forma.

— Somos o que somos. Acho que não és assim, ou, pelo menos agora, já não.

— Matei o meu quinhão nos meus dias. Mas, excetuando que uma vez tentei matar o meu irmão, nunca toquei na minha família. Não sei porquê, mas não queria as suas vidas. Tu és família, quer nos sintamos confortáveis com isso, quer não. Nasceste da minha irmã. Tens os olhos dela. E, em tempos, amei-a muito.

Ela sentiu qualquer coisa — não era piedade, isso não era coisa que ele provocasse. Mas sentia uma espécie de compreensão. Seguindo o seu instinto, tirou a estaca do cinto, mantendo a ponta virada para ela, e entregou-lha. Uma expressão de divertimento passou pelo rosto dele enquanto examinava a estaca.

— Não tenho de começar a chamar-te Tio Cian, pois não?

Ele conseguiu sorrir e parecer magoado ao mesmo tempo.

— Por favor, não.

Separaram-se, com Cian a descer as escadas e a entrar na cozinha. Encontrou Glenna a debater-se com os tabuleiros do chá. Parecia um pouco abatida, pensou ele, e tinha olheiras.

— Já pensaste em arranjar outra pessoa para brincar às mães?

Ela sobressaltou-se ao ouvir a sua voz, batendo com a chávena que segurava no tabuleiro.

— Parece que estou nervosa. — Voltou a colocar a chávena cuidadosamente no pires. — Que disseste?

— Não percebo porque um dos outros não pode tratar da comida de vez em quando.

— Eles tratam. Bem, o Larkin escapa-se bastante, mas os outros tratam. De qualquer forma, isto mantém-me ocupada.

— Por aquilo que me disseram, tens estado ocupada com tarefas não domésticas.

— O Hoyt falou contigo.

— Parece que lhe agrada acordar-me a meio do dia. É por isso que quero café — acrescentou, encaminhando-se para a bancada para o fazer. Quando a viu franzir o sobrolho à estaca que colocara ao lado do bule, ele encolheu os ombros.

— Uma espécie de oferta de paz, poderíamos dizer, por parte da Blair.

— Oh, isso é bom, não é?

Ele virou-se e pegou-lhe no queixo.

— Vai-te deitar, Ruiva, antes que caias.

— É para isso que serve o chá. É restaurador. Precisamos dele. As baterias estão em baixo por aqui. — Conseguiu um sorriso, mas este esmoreceu rapidamente. — Ela convocou uma tempestade, Cian. Tem alguém com poder suficiente para convocar uma tempestade, para bloquear o Sol, por isso precisamos de recarregar as baterias. Eu e o Hoyt temos de trabalhar, e temos de trabalhar com a Moira. Temos de lhe extrair o que ela tem e ajudá-la a aperfeiçoá-lo.

Ela virou-se e começou a dispor bolachas em pratinhos bonitos, para manter as mãos ocupadas.

— Estávamos separados hoje, os três, nos penhascos altos, com Blair e Larkin lá em baixo. Podiam ter sido mortos e nós não teríamos conseguido ajudá-los, não poderíamos tê-lo impedido. Não previmos o que ia acontecer porque estávamos tão concentrados no feitiço do transporte. E, quando chegou, quando o poder chicoteou em volta e nos derrubou, já estávamos esgotados.

E a sofrer por causa disso agora, pensou ele. Os humanos haveriam sempre de sofrer por aquilo que tinham feito e por aquilo que não tinham.

— Agora têm uma ideia mais correta dos vossos limites.

— Não nos podemos permitir ter limites.

— Deixa-te disso, Glenna. — Tirou-lhe uma bolacha. — Claro que têm limites. Expandiram-nos e provavelmente ainda vão esticar a corda um pouco mais antes de estarem acabados. Ela também tem limites e é disso que se estão a esquecer. A Lilith tem fraquezas, e não é invulnerável nem onnipotente. Provaram isso hoje, quando lhe tiraram cinco dos seus troféus.

Mordeu a bolacha enquanto tirava uma caneca.

— Eu sei que devia pensar nos cinco que salvámos. A Blair disse para assumirmos a vitória.

— E tem razão.

— Eu sei. Eu *sei*. Mas, oh, Deus, quem me dera não ter visto os que deixámos para trás. Quem me dera que os seus rostos, os seus gritos, não estivessem na minha cabeça. Não podemos salvá-los a todos, e foi isso que disse ao Hoyt quando estávamos em Nova Iorque. Nessa altura era fácil dizê-lo. — Abanou a cabeça. — E tens razão, preciso de descansar um pouco.

Tenho de levar este tabuleiro para cima, ver se os outros ingerem um pouco disto. Podias fazer-me um favor.

— Provavelmente, podia.

— Podias levar este para a biblioteca. A Moira está lá.

— Se for eu a levar-lho, pensará que está envenenado.

— Para com isso.

— Está bem, está bem. Mas não me culpes se ela o despejar por alguma pia abaixo. — Levantou o tabuleiro, murmurando para si mesmo ao sair da cozinha: — Sou um vampiro, por amor de Deus. Criatura da noite maldita, bebedor de sangue. E aqui estou eu, a servir de mordomo a uma qualquer antiga rainha de Geall. Mortificante, é o que isto é.

E *ele* queria passar algum tempo na biblioteca, com um livro e a lareira.

Entrou na biblioteca, arrastando a sua irritação e com um comentário desdenhoso a chegar-lhe à ponta da língua.

O que teria sido um desperdício, pensou, porque ela estava enrolada num dos sofás, a dormir.

Que raio devia fazer agora? Deixá-la estar, acordá-la e servir-lhe o chá?

Indeciso, ficou onde estava, examinando-a.

Bastante bonita, pensou, com um potencial para a verdadeira beleza se fizesse algum esforço para isso. Pelo menos quando dormia, não parecia que os olhos lhe iam engolir o rosto e a quem quer que ela dirigisse aqueles grandes faróis cinzentos.

Houvera uma altura em que achara divertido corromper e profanar a sua espécie de inocência. Descascá-la lentamente, camada a camada, até não sobrar nada.

Hoje em dia, preferia a simplicidade de mulheres mais experientes, que não queriam mais do que ele. Algumas horas de calor na escuridão.

Criaturas como aquela faziam despender muitos esforços. Não se lembrava quando fora a última vez que estivera suficientemente excitado para se entreter com uma.

Afinal, decidiu deixar o tabuleiro em cima da mesa. Se ela acordasse, beberia. Se não, bem, dormir também seria bom para recuperar.

Fosse como fosse, ele cumprira a sua missão.

Encaminhou-se para a mesa, pousou o tabuleiro quase sem um tido de porcelana a bater na madeira. Apesar disso, ela mexeu-se. Um pequeno gemido, um pequeno tremor. Ele recuou, os olhos fitos no rosto dela — e foi suficientemente descuidado para entrar numa estreita faixa onde batia um raio de Sol.

A dor rápida e pungente no ombro fê-lo praguejar baixinho enquanto se afastava rapidamente do feixe. Chateado com Glenna, consigo mesmo e com a rainha adormecida, virou-se para se ir embora.

Ela começou a mexer-se no sono, ruídos baixos de medo gorgolejando-lhe na garganta. O corpo enrolou-se numa bola apertada e ela estremeceu. E, no sono, começou a falar entrecortadamente.

— Não, não, não.

Repetiu a palavra uma vez e outra, até que caiu num galês ininteligível.

Retorceu-se, rolando até ficar deitada de costas, e ficou rígida ao erguer a cabeça e expor a linha da garganta.

Ele moveu-se rapidamente, passando entre o sofá e a mesa e, inclinándose, deu-lhe um forte abanão.

— Acorda — ordenou. — Sai disso, já. Não tenho paciência para isto.

Ela foi rápida e ele foi ainda mais rápido a afastar a estaca que ela empunhou. Esta caiu ruidosamente a três metros de distância.

— Não faças isso. — Ele segurou-lhe o pulso e sentiu-lhe a pulsação a bater como um junco contra os seus dedos. — Da próxima vez que o fizeres, parto isto como se fosse um raminho, juro-te.

— Eu-eu-eu...

— Muito sucinta. Estás a compreender-me?

Os olhos dela, enormes e vidrados de medo, percorreram rapidamente a sala.

— Ela estava aqui, ela estava aqui. Não, não era aqui. — Moira pôs-se de joelhos, segurando o braço dele com a mão livre. — Onde está ela? Onde? Ainda lhe sinto o cheiro. Demasiado doce, demasiado pesado.

— Para. — Ele soltou-lhe o pulso para lhe segurar os ombros. Abanou-a outra vez e os dentes dela bateram. — Estavas a dormir, estavas a sonhar.

— Não, eu estava... Estava? Não sei. Não está escuro, ainda não está escuro, mas estava... — Pousou as mãos no peito dele, mas em vez de o empurrar, como ele esperava, encostou aí a cabeça. — Peço desculpa. Preciso de um momento.

Ele deu por si a estender a mão para lhe acariciar o cabelo, aquela grossa e longa trança da cor do carvalho escuro. Deixou cair a mão ao lado do corpo.

— Adormeceste aqui no sofá — disse ele numa voz sem entoação, quase profissional. — Tiveste um sonho. Agora estás acordada.

— Pensei que a Lilith... — Ela recuou. — Quase te espetei a estaca.

— Não, nem por sombras.

— Eu não queria, não era minha intenção. — Fechou os olhos num

esforço óbvio para encontrar alguma compostura. Quando os abriu, estavam mais límpidos e muito diretos. — Peço muita desculpa, mas porque estás aqui?

Ele moveu-se para o lado, apontou. Agora era choque puro o que lhe percorria o rosto.

— Tu... fizeste-me chá e biscoitos?

— Foi a Glenna — corrigiu ele, surpreendentemente embaraçado só de pensar nisso. — Sou só o rapaz das entregas.

— Hum. Mesmo assim, é muito simpático da tua parte. Eu não queria adormecer. Pensei que ia ficar a ler depois de o Larkin ir para cima. Mas...

— Toma o teu chá, então. Deves ficar melhor. — Quando ela se limitou a acenar com a cabeça, sem fazer qualquer movimento, ele ergueu os olhos para o teto. Depois serviu-lhe uma chávena de chá. — Limão ou natas, Sua Alteza?

Ela inclinou a cabeça para o fitar.

— Estás chateado comigo, e quem te pode culpar? Trouxeste-me chá e eu tentei matar-te.

— Então não desperdices o meu tempo nem a porcaria do chá. Toma. — Meteu-lhe a chávena nas mãos. — Bebe-o. São ordens da Glenna.

Ainda a olhar para ele, deu um gole.

— É muito bom. — Depois os seus lábios tremeram e os olhos encheram-se-lhe de lágrimas.

Ele sentiu um aperto no estômago.

— Deixo-te com ele, e com as tuas lágrimas.

— Não fui suficientemente forte. — As lágrimas não caíram, apenas lhe brilharam nos olhos como a chuva sobre o nevoeiro. — Não consegui ajudá-los a manterem o feitiço, não fui capaz. Então o feitiço quebrou-se, desfez-se, e foi como se fôssemos rasgados por estilhaços de vidro. Não conseguimos tirar nenhum dos outros de dentro das jaulas.

Ele perguntou-se se devia dizer-lhe que Lilith se limitaria a substituir aqueles que tinham retirado. Provavelmente em dobro, devido à sua fúria.

— Estás a perder o teu tempo a censurar-te, e a sentir pena de ti própria. Se tivesses podido fazer melhor, tinhas feito.

— No sonho, ela disse que não se ia dar ao trabalho de me beber. Sendo eu a mais pequena e a mais fraca, não valeria a pena.

Ele sentou-se na mesa diante dela e serviu-se de um dos seus biscoitos.

— Ela está a mentir.

— Como sabes?

— Sou uma criatura da noite, lembra-te? O mais pequeno é frequen-

temente o mais doce. Uma espécie de aperitivo, se quiseres. Se eu ainda tivesse esse hábito, mordia-te num abrir e fechar de olhos.

Ela baixou a chávena para lhe franzir o sobrolho.

— Será que isso, de uma forma estranha, é uma lisonja?

— Pensa o que quiseres.

— Bem, obrigada... acho eu.

— Acaba o teu chá. — Ele pôs-se de pé. — Pede à Glenna qualquer coisa para bloquear os sonhos. Ela deve ter.

— Cian — chamou Moira enquanto ele se encaminhava para a porta. — Estou grata. Por tudo.

Ele limitou-se a acenar e prosseguiu. Um milhar de anos, pensou, e ainda não compreendia bem os humanos — as mulheres em particular.

Blair bebeu o chá de Glenna e decidiu estender-se por uma hora com os *headphones*. Idealmente, a música repousar-lhe-ia a mente, dar-lhe-ia tempo para clarificar as ideias e recarregar as baterias. Mas tudo se pôs a andar à roda com a voz cheia de alma de Patty Griffin.

O mar, os penhascos, a batalha. Aquele momento em que o céu escurecera e ela tivera a certeza absoluta de que chegara o fim. E aquela sementinha fria de alívio dentro dela ao pensar que tudo, finalmente, terminara.

Não tinha um desejo de morte, pensou. *Não* tinha. Mas havia aquele lugarzinho no seu íntimo que estava cansado, tão horrivelmente cansado da solidão, de ter aquilo que ela era e aquilo que ela tinha de fazer a obrigá-la a ficar sozinha.

Sozinha com o sangue, a morte e uma violência infindável.

Isto custara-lhe o amor de um homem que queria tanto, e o futuro que, acreditara, teriam juntos. Fora aí que tudo começara?, perguntou-se. Fora nessa altura que aquela sementinha se plantara dentro dela? A noite em que Jeremy a deixara?

Lamentável, pensou, tirando os *headphones*. Patético. Deixaria a sua psique ser retorcida por um homem — e logo por um que não fora homem suficiente para lidar com ela? Viria a aceitar a morte só porque ele não a aceitara como era?

Eram só disparates. Virou-se de lado, abraçando a almofada enquanto observava pela janela a luz que esmorecia.

Só pensara em Jeremy porque Larkin lhe fizera ferver o sangue novamente. Não queria voltar a ficar fraca por causa de um homem, sentir-se dominada e varrida por toda aquela emoção.

Sexo estava bem, sexo era bom, desde que não significasse mais que alívio e libertação. Não podia voltar a sentir a dor e aquele horrível sentimento de abandono que lhe transformava o coração numa massa trémula e a sangrar dentro do peito.

Ninguém ficava, pensou ao fechar os olhos. Nada era para sempre.

Deixou-se dormir, a música dos *headphones* que não se dera ao trabalho de desligar, débil e distante.

Enchia-lhe a cabeça, aquela música que era apenas o seu sangue excitado a ser bombeado. Era quase madrugada, o trabalho da noite estava terminado. Mas sentia-se tão cheia de energia, tão acesa, que sabia poder continuar por horas.

Olhou para baixo, para si mesma, enquanto percorria o último quarteirão antes de chegar a casa. Dera cabo de outra camisa. O trabalho, pensou, era terrível para o guarda-roupa. Estava rasgada e ensanguentada e o seu ombro esquerdo era uma massa de feridas e dor latejante.

Mas sentia-se tão excitada!

A rua suburbana era bonita e estava tranquila — toda a gente enfiada na segurança da cama. E, enquanto o Sol nascia, os cornizos e as tulipeiras eram tão vistosos e rosados. Sentia o cheiro a jacintos e inspirou profundamente a primavera doce e suave.

Era a manhã do seu décimo oitavo aniversário.

La lavar-se, descansar e depois passar muito tempo a pôr-se irresistível para um encontro excitante.

Enquanto destrancava a porta da frente da casa onde vivia com o pai, tirou a asa do saco do ombro que estava bom e pousou-o. Precisava de limpar as armas, mas primeiro queria um garrafão de água.

Foi então que viu as malas junto da porta e o seu entusiasmo esmoreceu.

Ele desceu as escadas, já com o casaco vestido. Era tão bonito, pensou. Alto e moreno, aquele rosto esculpido e os olhos corajosos. Apenas um muito leve toque de prata no cabelo. Um mundo de amor e miséria abriu-se dentro dela.

— Então estás de volta. — Relanceou a camisa dela. — Se vais deixar que eles te ensanguentem, leva uma muda de roupa. Vais chamar as atenções sobre ti, andando por aí assim.

— Ninguém me viu. Aonde vais?

— Para a Roménia. Sobretudo para investigar.

— Roménia? Posso ir? Gostava mesmo de ver...

— Não. Deixei-te um livro de cheques. Deve ser o suficiente para sustentar a casa durante uns meses.

— Meses? Mas... quando voltas?

— Não volto. — Pegou numa pequena mochila e pô-la ao ombro. — Já fiz tudo o que podia por ti. Tens dezoito anos, és maior.

— Mas, não podes. Por favor, não vás. Que fiz eu?

— Nada. Pus a casa em teu nome. Fica aqui, ou vende-a. Vai para onde quiseres. A vida é tua.

— Porquê? Como podes abandonar-me desta maneira? És meu pai.

— Treinei-te o melhor que podia, e que tu podias. Não posso fazer mais nada por ti.

— Podias ficar comigo. Podias amar-me, nem que fosse um bocadinho.

Ele abriu a porta e pegou nas malas. Não era arrependimento que lhe via no rosto, mas ausência. Percebeu que ele já partira.

— O meu voo é cedo. Se precisar de mais alguma coisa, mando buscar.

— Significo alguma coisa para ti?

Foi então que ele a olhou diretamente.

— És o meu legado — disse, e atravessou a porta.

Claro que ela chorou, ali sozinha, a primavera flutuando na brisa agradável.

Cancelou o encontro e passou o aniversário sozinha em casa. Alguns dias depois, também sozinha, sentou-se no cemitério, preparada para destruir aquilo em que o rapaz que amava se transformara.

Perguntar-se-ia o resto da sua vida se, caso tivesse mantido o encontro, ele teria sobrevivido.

Agora estava no quarto do seu apartamento em Boston, enfrentando o homem a quem dedicara todo o seu amor e as suas esperanças.

— Jeremy, por favor, vamos sentar-nos. Precisamos de falar acerca disto.

— Falar? — Ainda havia um choque puro nos olhos dele enquanto enfiava roupa num saco de desporto. — Não posso falar acerca disto. Não quero *saber* disto. Ninguém devia saber disto.

— Eu errei. — Ela estendeu a mão e ele sacudiu-a com um gesto tão áspero e desdenhoso que ela se sentiu cortada até aos ossos. — Não devia ter-te levado, ter-te mostrado. Mas tu não quiseste acreditar quando tentei contar-te.

— Que matas vampiros? Onde é que eu tinha a cabeça, para não acreditar em ti?

— Tive de te mostrar. Não podíamos casar se não soubesses tudo. Não seria justo para ti.

— *Justo*? — Ele girou na direção dela e ela viu claramente no seu rosto, não apenas o medo, não apenas a raiva. Repugnância. — Isto é justo? Mentires-me e enganares-me este tempo todo?

— Eu não menti. Omiti, e lamento-o. Meu Deus, lamento tanto, mas não era algo que te pudesse dizer da primeira vez ... e não sabia como havia de dizer-te o que eu era, o que fazia.

— O que tu és é uma anormal.

Ela virou a cabeça para trás como se ele a tivesse esbofetado.

— Não sou anormal. Sei que estás aborrecido, mas...

— Aborrecido? Não sei quem és, o que és. Santo Deus, com o que eu andei a dormir estes meses todos. Mas há uma coisa que sei. Quero que te mantenhas longe de mim, longe da minha família, longe dos meus amigos.

— Precisas de tempo. Eu percebo isso, mas...

— Já te dei todo o tempo que havia de dar. Mete-me nojo olhar para ti.

— Já chega.

— Até sobra. Achas que eu podia ficar contigo, voltar a tocar-te, depois disto?

— Que se passa contigo? — perguntou. — Aquilo que eu fiz salvou vidas. Aquilo teria matado pessoas, Jeremy. Teria perseguido e assassinado pessoas inocentes. Eu impedi-o.

— Aquilo não existe. — Ele arrastou o saco para fora da cama que tinham partilhado quase seis meses. — Quando eu sair daqui, aquilo não existe, e tu também não.

— Pensei que me amavas.

— Parece que estávamos os dois enganados.

— Então, vais-te embora — disse ela baixinho, — e eu deixo de existir.

— É verdade.

Não era a primeira vez, pensou ela, não, não era a primeira. O único outro homem que amara fizera-lhe o mesmo. Devagarinho, tirou o diamante do dedo. — É melhor ficares com isto.

— Não o quero. Não quero nada que te tenha tocado. — Caminhou com grandes passadas para a porta e olhou para trás uma vez. — Como consegues viver contigo mesma?

— Não tenho mais nada — disse ela para o quarto vazio. Pousou o anel na cómoda, agachou-se no chão e chorou.

Os homens são mesmo criaturas vis. Usam as mulheres e deitam-nas fora. Deixam-nas sozinhas e despedaçadas. O melhor é deixá-los primeiro, não é? O melhor ainda é vingarmo-nos deles, e deixá-los a sangrar.

Estou farta e cansada de ser a que é descartada, tu não estás? E tantas lutas, tanta morte. Posso ajudar-te com isso. Gostava tanto de te ajudar.

Porque não falamos acerca disto, tu e eu? Só nós, raparigas. Tomemos uns copos e digamos mal dos homens, não achas bem?

Não me vais convidar para entrar?

Blair estava junto da janela e o rosto por trás do vidro escuro sorria-lhe. As suas mãos dirigiram-se para a janela, começaram a abri-la.

Depressa, abre. Convida-me a entrar, Blair. Não tens de fazer mais nada.

Ela abriu a boca, as palavras já na sua mente.

Então, qualquer coisa vinda de trás voou sobre ela e fê-la estatelar-se no quarto.



CAPÍTULO 5

Houve um grito de raiva por parte daquilo que flutuava do outro lado da janela. O vidro parecia vibrar e quase dobrar-se para dentro devido à pressão.

Depois desapareceu, num movimento enevoado. Blair sentiu o quarto rodopiar.

— Ah, não, não faças isso. Nada disso. — Larkin agarrou Blair firmemente pelo ombro e pô-la de joelhos. — Que raio estavas a fazer?

A cara de Larkin entrava e saía do campo de visão dela.

— Vou sair. Desculpa.

Quando voltou a ter consciência, encontrava-se na sua cama, com Larkin a dar-lhe palmadinhas nas bochechas.

— Ah, aí estás tu. Fica connosco desta vez, está bem, *muirnin*? Vou buscar a Glenna.

— Não, espera. Dá-me um minuto. Estou só um bocadinho enjoada.

— Engoliu em seco, premindo uma mão no estômago em revolta. — Como se tivesse bebido demasiadas *margaritas*. Devo ter estado a sonhar. Pensei que eu... Estava a sonhar?

— Estavas de pé junto da janela, prestes a abri-la. Ela estava lá fora, de alguma forma estava ali. A Francesa.

— Lora. Eu ia convidá-la para entrar. — Virou para Larkin uns olhos horrorizados. — Oh, meu Deus! Ia convidá-la para entrar. Como é possível?

— Tu parecias... errada. Diria que estavas a dormir, mas tinhas os olhos abertos.

— Sonambulismo. Um transe. Eles entraram na minha cabeça e fizeram qualquer coisa. Os outros!

Ele segurou-a quando ela começou a saltar da cama.

— Lá em baixo, todos eles. Na cozinha, onde a Glenna preparou uma refeição. Deus a abençoe. Pediu-me para te vir buscar. Bati, mas não respondeste. — Olhou para a janela e o seu rosto ficou sombrio. — Quase me fui embora, pensando que estarias a dormir e que isso te faria tão bem como comer. Mas pareceu-me ouvir... Ouvi-a falar contigo.

— Se a tivesse deixado entrar... nunca ouvi dizer que pudessem controlar a mente de alguém que não tivesse sido mordido. Isto é novo. É melhor irmos para baixo, contar aos outros.

Ele tocou-lhe levemente no cabelo.

— Ainda estás a tremer. Posso levar-te ao colo.

— Aposto que podes. — Aquilo fê-la sorrir. — Talvez da próxima vez. — Sentou-se na cama, inclinou-se para ele e tocou os lábios dele com os seus. — Obrigada por me salvares.

— Não tens de quê. — Pegou-lhe na mão para a ajudar a sair da cama e quando ela vacilou, abraçou-a.

— Ai! Tenho a cabeça a disparar. Fizeram-me qualquer coisa, Larkin. Usaram as memórias e as emoções. Coisas privadas. Isso irrita-me a sério.

— Estarias muito mais irritada se ela tivesse conseguido o convite.

— Tens razão. Ok, vamos para baixo... — Voltou a cambalear e praguejou.

— Afinal tem de ser à minha maneira. — Ele pegou-lhe ao colo.

— Só preciso de mais um minuto. Para encontrar o meu equilíbrio.

— Pareces-me bastante equilibrada. — Olhou para baixo e sorriu. — Tens uma bela forma. Agrada-me que a roupa que usas não o esconda. E neste momento tens um belo cheiro a combinar. Um pouco a maçãs verdes.

— Estás a tentar distrair-me do facto de quase ter convidado um vampiro para jantar?

— Está a funcionar?

— Um pouco.

— Nesse caso, tentemos um pouco mais. — Parou, baixou a cabeça e cobriu-lhe a boca com a sua.

Um impulso de excitação. Não tão divertido quanto fora antes, e ela compreendeu que ele sentia bastante raiva e temor por ela. Não se lembrava da última vez que alguém temera por ela. Correspondeu antes de se poder controlar, virando-se para ele, emaranhando-lhe os dedos no cabelo. Enchendo com ele toda a dolorosa solidão que a seguira para fora do seu sonho.

— Bastante eficaz — murmurou quando ele voltou a erguer a cabeça.

— Bem, não há dúvida que te restituiu alguma cor às faces, por isso, para já, está bem.

— É melhor pores-me no chão. Se me levares ao colo, eles ficarão assustados. Já ficarão suficientemente assustados quando lhes contarmos o que aconteceu.

Ele deixou-a pôr os pés no chão, mas continuou a abraçá-la.

— Estás bem segura?

— Sim, estou melhor, obrigada.

Mesmo assim, ele manteve uma mão no braço dela enquanto percorriam o resto do caminho para a cozinha.

— **S**e é possível fazer isso, por que razão nunca o tinham feito? — Hoyt estava sentado à cabeceira da mesa na sala de jantar, com o lume a estalar nas suas costas. Olhou para o lado oposto da mesa, para Cian.

— Nunca ouvi dizer que o tivessem feito antes. — Com um encolher de ombros, Cian provou o peixe que Glenna preparara. — Com uma conexão pessoal entre o vampiro e o humano, sim, um convite pode ser induzido. Mas a maioria das vezes acontece devido à negação instantânea por parte do humano daquilo que está a ver. Isto é uma questão diferente e, por aquilo que tanto tu como o Larkin disseram, estavas a dormir.

— Há uma primeira vez para tudo. — Sem apetite, Blair comeu porque necessitava de combustível. — Temos alguns mágicos na nossa equipa. Ela também, obviamente. Uma espécie de feitiço.

— Eu adormeci na biblioteca, e... — Moira engoliu um pouco de água para molhar a garganta. — Foi uma coisa estranha. Não o que te aconteceu a ti, Blair, não exatamente. Mas foi como se ela estivesse ali comigo. Lilith. Mais, eu estava com ela e aquilo não era a biblioteca, nada disso. Não estávamos na biblioteca. Ela estava comigo no meu quarto, em Geall.

— Que aconteceu? — perguntou Blair. — Lembras-te?

— Eu... — O olhar de Moira repousou no prato e ela corou. — Eu estava a dormir, percebes, e parecia que ela estava exatamente ali comigo, tão real quanto tu. Saltou para a cama comigo. Tocou-me. O meu corpo. Senti as mãos dela em cima de mim.

— Isso não é invulgar. — Blair brincou com o peixe. — O sonho, a sua clareza, talvez, mas não o conteúdo. Os vampiros são criaturas sexuais, e muitas vezes bissexuais. Parece que ela estava a experimentar coisas contigo, a brincar a isso.

— Tive uma experiência logo depois de chegarmos aqui — contou Glenna. — Depois disso, tomei precauções, protegi-me durante o sono. Foi

estúpido, *estúpido* da minha parte não ter pensado em proteger os outros todos.

— Bem, isso vai ficar no teu cadastro. — Blair abanou o garfo na direção de Glenna. — A Glenna não pensa em tudo.

— Aprecio a ligeireza, mas devia ter pensado nisso.

— Trataremos disso agora, porque não podemos permitir que eles influenciem um de nós e entrem nesta casa.

— Eles têm alguém poderoso. Não é um vampiro. — Moira olhou para Cian em busca de confirmação, e obteve um pequeno aceno de cabeça. — Li que existem vampiros capazes de causar um transe, mas têm de estar ali, fisicamente, com a sua vítima. Ou terem-na mordido antes. Esta mordedura provoca uma conexão, um laço, entre ambos e o humano pode ser posto sob controlo do vampiro.

— Não fui mordida — notou Blair.

— Pois, e estavas a dormir, como eu, como a Glenna estava antes. Não podes ser apanhada pelos olhos deles enquanto dormes.

— É preciso muita energia para um vampiro influenciar um humano. Muita energia — explicou Blair. — E prática.

— É bem verdade — concordou Cian.

— Nesse caso, eles transformaram um bruxo ou um feiticeiro — sugeriu Hoyt.

— Não. — Moira mordeu o lábio. — Acho que não. Se aquilo que li for a verdade. O vampiro pode ganhar poder bebendo sangue dos poderosos, mas este acaba por se diluir. E se esta pessoa poderosa for transformada, perderá a maior parte, se não toda a sua magia. É o preço da imortalidade. O demónio em que ele se transforma perde o dom, ou retém apenas os restos.

— Então é mais provável que ela tenha bruxas, ou algo assim, na sua folha de pagamentos, por assim dizer. — Blair considerou a questão enquanto comia. — Alguém que, efetivamente, já se virou para o lado negro, poderíamos dizer. Ou alguém que ela tem subjugado. Um meio-vampiro. Um dos poderosos.

— Não sei se tem de ser assim. — Ao contrário dos outros, Larkin já limpou o seu prato e ia servir-se de mais. — Tenho estado a ouvir isso tudo.

— Como é que os teus ouvidos funcionam quando a tua boca está tão ocupada? — perguntou Blair.

Ele limitou-se a sorrir enquanto se servia de mais peixe e arroz.

— A comida está boa — disse para Glenna. — Se eu não comesse, como saberias que a tinha apreciado?

— Gostaria de saber onde pões todo esse apreço. Mas continua o que ias dizer — pediu Blair com um gesto.

— Estas coisas acontecem durante o sono, por isso pareceria que o feitiço não funciona na mente consciente. Não seria necessário mais poder para... — recorreu ao termo de Blair, — para influenciar alguém acordado e consciente?

— Sim — concordou Hoyt. — Claro que seria.

— E não era só a dormir, pelo menos hoje. A Moira estava quase doente de exaustão por aquilo em que participou hoje. A Blair também estava de rastos. Não sei como foi quando te aconteceu a ti, Glenna, mas...

— Estava derrotada, exausta, perturbada. Foi uma das razões porque não pensei em tomar qualquer precaução antes de cair na cama.

— É essa a questão, estou eu a pensar. Não é só dormir, mas dormir quando o corpo está fraco e a mente no seu ponto mais vulnerável. Então, parece-me que, seja o que for, ou quem for, que ela esteja a usar, não é tão forte como o que temos aqui a esta mesa.

— Afinal, estiveste a ouvir. — Blair examinou-o. — Aqui o rapaz-dragão tem razão. Ela atacou-nos quando as nossas defesas se encontravam em baixo, e chegou muito perto de ter sorte. Que fazemos acerca disto?

— Eu e o Hoyt vamos tratar da proteção. Até agora tenho estado a usar o escudo mais básico. — Glenna olhou para Hoyt. — Vamos reforçá-lo.

— Era bom se também pudéssemos fazer alguma coisa pela casa — notou Blair. — Alguma força oculta geral que não os deixe entrar, mesmo que sejam convidados.

— Não é possível bloquear um convite. — Cian recostou-se na cadeira com o vinho. — Podes retirá-lo, com o feitiço correto, mas não podes bloqueá-lo.

— Está bem, talvez não. Talvez alguma coisa que estenda os perímetros, que crie uma área segura em volta da casa.

— Já tentámos. — Hoyt pousou a mão sobre a de Glenna. — Não conseguimos encontrar uma maneira.

— É algo para trabalhar. Será mais uma camada. Quanto mais camadas tiverem para penetrar, melhor. Pensemos em termos de uma zona livre de vampiros.

— Talvez seja melhor eu mudar-me para uma boa pensão — sugeriu Cian, e Blair franziu o sobrolho para ele até compreender.

— Ah! Ah, tens razão. Desculpa. Esqueci-me. Não podemos ter uma zona livre de vampiros com um vampiro dentro de casa.

— Não encontrámos uma maneira de o excluir — explicou Glenna. — Temos algumas ideias. Na verdade, mais conceitos que verdadeiras ideias — admitiu. — E há algum tempo que o Hoyt tenta conjurar uma espécie de proteção para ti, Cian, para poderes sair durante o dia. À luz do Sol.

— Já outros tentaram e fracassaram. Não é possível.

- As pessoas acreditavam que o mundo era plano — notou Blair.
- É bem verdade. — Cian encolheu os ombros. — Porém, penso que se isso pudesse ser feito, já o teria sido nos milhares de anos da nossa existência. E fazer esse tipo de experiências nesta altura não é a melhor forma de usar o tempo.
- É o meu tempo — replicou Hoyt calmamente.
- Hoje tinhas-nos dado jeito — disse Glenna após um momento de silêncio. — Em Kerry, nos penhascos. O tempo vale a pena. Achamos que teríamos mais êxito se tivéssemos um pouco do teu sangue.
- Oh? — disse Cian secamente. — É só isso?
- Pensa nisto. A nossa primeira prioridade continua a ser a proteção. Eu e o Hoyt trataremos disso. — Apertou a mão dele. — Porque não começamos já?
- Entretanto, ninguém dorme enquanto não tivermos proteção. Tenho algumas cruces a mais e alguma água benta na minha bagagem. — Blair pôs-se de pé. — Cian, a não ser que estejas a planear sair, gostaria de instalar precauções básicas nas portas e nas janelas.
- Tenta. Mas esse género de engenhocas não elimina um convite.
- São camadas — repetiu Blair.
- Eu ajudo-te. — Larkin desviou o prato para o lado. — Há muitas portas e janelas.
- Está bem, então separamo-nos em equipas. Hoyt e Glenna, tempo mágico. Eu e o Larkin faremos o que for possível para bloquear as entradas. Isso deixa o Cian e a Moira de serviço à cozinha.

Não era que não confiasse em Hoyt e Glenna — confiava tanto quanto já confiara em alguém. Não era que não fosse aberta à magia. Tinha de ser.

Mas, mesmo com o amuleto debaixo da almofada, com a vela acesa e o segundo amuleto pendurado com a cruz na janela, Blair dormiu intermitentemente nessa noite.

E na seguinte.

O treino ajudava, o simples esforço físico que implicava, e a finalidade. Ela esforçava-se e muito. Nenhum deles, ela incluída, terminava o dia sem nódoas negras ou músculos doridos. Mas ninguém, ela incluída, terminava o dia sem ser um pouco mais forte, um pouco mais rápido.

Assistiu ao florescer de Moira — ou era assim que o via. O que Moira não possuía em força, compensava em rapidez e flexibilidade. E determinação pura.

Ninguém conseguia competir com ela quando tinha um arco nas mãos.

Glenna aperfeiçoara as capacidades que já possuía — a astúcia, os instintos sólidos. E estava a tornar-se perita com a espada e o machado.

Hoyt acrescentava intensidade a tudo. Quer lutasse com a espada, o arco ou com as próprias mãos, a sua concentração era quase inabalável. Ela considerava-o o mais confiável dos soldados.

E considerava Cian o mais elegante e perigoso. Possuía a força superior da sua espécie e a astúcia animal, mas acrescentava estilo a tudo isso. Mataria, pensava Blair, com uma graça violenta.

Pensava em Larkin como multifunções. Na luta corpo a corpo era um arruaceiro, e nunca desistia. Com a espada, faltava-lhe a intensidade de Hoyt e a elegância de Cian, mas lutava incansavelmente até derrubar os adversários, ou estes simplesmente caírem por exaustão. Tinha bom olho com o arco — não era como Moira, mas quem o era?

E nunca se sabia quando é que realizaria um dos seus truquezinhos e se acabava a lutar com um homem com cabeça de lobo, garras de urso ou cauda de dragão.

Era hábil e eficiente.

E terrivelmente *sexy*.

Havia alturas em que a impacientava. Era um pouco impulsivo de mais, e muitas vezes exibicionista. Achava que era o Errol Flynn, pensava ela. E as exhibições acabavam muitas vezes no chão.

Mas, pensando nisso, se ela tivesse de escolher as pessoas que queria para lutarem a seu lado na batalha pela salvação do mundo, não teria escolhido de maneira diferente.

Porém, mesmo os guerreiros da guerra que acabaria com todas as guerras precisavam de comer, de tratar da roupa e de levar o lixo para fora.

Blair foi às compras porque queria, desesperadamente, sair de casa. Dois dias de chuva tinham limitado as atividades no exterior e tinham-na deixado nervosa. Se uma pessoa, uma que fosse, dissesse que era a chuva que tornava a Irlanda verde, abrir-lhe-ia a cabeça com um machado.

Além disso, desde a noite do seu encontro tão próximo com Lora, não houvera mais sinal do inimigo. O período de calma ainda a punha mais inquieta.

Alguma coisa estava a ser tramada.

Teria preferido ir sozinha, ter algumas horas para si, com os seus pensamentos e a sua própria companhia. Mas não fora capaz de argumentar contra o facto de se tratar de um risco desnecessário.

Porém, recusara-se a dar a Larkin uma lição de condução no caminho para Ennis.

— Não percebo porque não posso fazer isto — queixou-se ele. — Tenho observado a Glenna a guiar esta coisa. E ela ensinou o Hoyt.

— O Hoyt conduz como um velho cego da Florida.

— Não sei qual o significado disso, a não ser que é um insulto de qualquer espécie. Eu era capaz de fazer melhor que ele, com este ou com aquela beleza que o Cian guarda no estábulo.

— Na garagem. Os carros guardam-se numa garagem, e o Cian deixou claro que morderia até à morte quem quer que tocasse no seu *Jaguar*.

— Podias ensinar-me neste. — Estendeu a mão para percorrer o pescoço dela com o dedo. — Serei um bom aluno.

— O charme não resulta. — Ela ligou o rádio. — Ouve música e desfruta da viagem.

Ele inclinou a cabeça.

— Isto parece um pouco a música da minha terra.

— É uma estação irlandesa, de música tradicional.

— É maravilhoso, não é, poderes ter música só por rodar um dedo? E ir tão depressa de um lugar a outro dentro de uma máquina.

— Não no trânsito de Chicago. O que fazes mais é estar sentado a praguejar.

— Fala-me da tua Chicago.

— Não é a minha Chicago. É só o sítio onde tive a minha base nos últimos anos.

— E antes disso foi Boston.

— Sim. — Mas Boston era Jeremy, e ela tinha de se afastar disso. — Chicago é... é uma cidade. A maior cidade do Midwest dos Estados Unidos. Junto de um lago. Um grande lago.

— Pescavas, nesse lago?

— Pescar, eu? Eu não. Outras pessoas, acho que sim. Ah, fazem lá vela. Desportos aquáticos, e essas coisas. É frio como o raio no inverno, um vento que não acreditarias. O efeito do lago, muita neve, um frio de gelar os ossos. Mas, não sei, há muita animação. Restaurantes, grandes lojas, museus, clubes. Vampiros.

— Uma grande cidade? Maior que Ennis?

— Muito maior. — Tentou imaginar no que ele teria pensado do El, mas não conseguiu.

— Se é uma cidade tão grande, com tantas pessoas, porque não se juntaram para lutar contra os vampiros?

— Não acreditam neles ou, se alguns acreditam, fazem de conta que não. Se alguém é atacado, ou morre, põem as culpas nos gangues, ou em psicopatas. Geralmente, os vampiros mantêm-se discretos; ou assim era,

até há pouco tempo. Caçam os sem-abrigo ou os fugitivos, os vagabundos. Pessoas de que ninguém dá pela falta.

— Em Geall havia lendas de criaturas que assolavam a noite, caçavam humanos, há muito tempo. Nunca acreditei nelas até que a rainha — a minha tia — foi morta por eles. E mesmo assim...

— É difícil acreditar naquilo que sempre te disseram que era fantasia, ou impossível. Por isso tu resistes. É natural.

— Mas tu não. — Ele analisou-lhe o perfil. Era forte, sim, mas com uma curva de bochechas tão bonita, e aquele cabelo escuro fazia um contraste lindo com a brancura da pele. — Tu sempre soubeste. Alguma vez desejaste que fosse de outra maneira, seres uma das pessoas que resistiam? Que nunca chegavam a saber?

— Não vale a pena desejar aquilo que não podes ter.

— Qual é a utilidade de desejares o que podes e tens? — contrariou ele.

Ele tinha razão, decidiu Blair. Normalmente tinha, se o ouvissem durante tempo suficiente.

Encontrou um lugar no parque de estacionamento e tirou o dinheiro para pagar. Larkin deixou-se ficar com as mãos nos bolsos das calças de ganga que Glenna lhe comprara numa viagem anterior, olhando para tudo.

Era um alívio não ter de responder a uma dúzia de perguntas. Ela sabia que ele já fora à cidade, mas imaginava que cada visita era, para ele, como um pequeno passeio na Disneylândia.

— Mantém-te perto de mim, ok? Não quero ter de andar à tua procura.

— Não te largarei. — Pegou-lhe na mão, apertando um pouco mais quando ela começou a sacudi-lo. — Tens de te agarrar a mim — disse, com uma inocência absoluta no olhar. — Posso perder-me.

— Tretas.

— Nem de longe. — Entrelaçou os dedos nos dela e começou a caminhar. — É que, com toda esta gente, a rua, os sons, as vistas, posso perder-me a qualquer momento. Lá na minha terra, a aldeia é muito mais pequena e não há tanta gente. Nos dias de mercado, pode estar apinhada e cheia de cor. Mas aí sei o que vou fazer.

— Sabes o que vais fazer em todo o lado — disse ela baixinho.

Ele tinha bom ouvido e os seus lábios mexeram-se nervosamente ao ouvir o comentário.

— Em dias de mercado, as pessoas chegam à aldeia vindas de todo o lado. Há comida maravilhosa...

— Que deve ser a tua primeira prioridade.

— Um homem tem de comer. Mas há roupas, artesanato e música. Pedras maravilhosas, das montanhas, e conchas do mar. E regateia-se, percebe, é o mais engraçado. Quando voltarmos a casa, hei de comprar-te um presente num dia de mercado.

Deteve-se a examinar as recordações e a bijutaria numa montra.

— Não tenho nada para trocar, e o Hoyt disse-me que aqui não podemos usar a moeda que eu trouxe. Tu gostas de adornos. — Bateu com um dedo num dos pendentos das orelhas dela. — Vou comprar-te um num dia de mercado.

— Acho que estamos demasiado ocupados para comprar bijutaria. Vamos. — Puxou-lhe a mão. — Estamos aqui para comprar mantimentos, não bugigangas.

— Não há pressa. Podemos divertir-nos um pouco entretanto. Por aquilo que vejo, tu não te divertes o suficiente.

— Se em novembro ainda estivermos vivos, hei de fazer piruetas na rua. Nua.

Ele lançou-lhe o seu habitual sorriso rápido.

— Essa é uma nova e importante razão para eu lutar. Nunca pensei nas piruetas, mas pensei em ti nua uma ou duas vezes... Oh, olha ali! Bolos!

Sexo e comida, pensou ela. Se acrescentasse cerveja e um evento desportivo, era o cúmulo.

— Não. — Ela arregalou os olhos e tentou resistir, com pouco entusiasmo, enquanto ele a arrastava para o outro lado da rua. — Também não estamos aqui para comprar bolos. Tenho uma lista. Uma lista bem longa.

— Podemos tratar disso daqui a pouco. Ah, olha só para aquele! O comprido, com chocolate.

— Um *éclair*.

— *Éclair* — repetiu ele, fazendo a palavra soar como um ato sexual especialmente prazeroso. — Devias comer um destes, e eu também. — Virou aqueles grandes olhos acastanhados para ela. — Sê uma querida, Blair, está bem? Eu depois pago-te.

— Devias ser gordo como um porco — murmurou ela, mas entrou na pastelaria para comprar dois *éclairs*.

E saiu com uma dúzia de *cupcakes*, também.

Não fazia a menor ideia de como a convencera a comprá-los, e a parar em meia dúzia de lojas para explorar. Ela era, normalmente — caramba, *sempre* —, mais forte que isso.

Depois reparou na maneira como as empregadas, outras mulheres nas lojas e na rua, olhavam para ele. Era difícil ser mais forte que aquilo, pensou.

Ele conseguiu fazê-la perder mais de uma hora sem fazer nada antes de o arrastar para comprar os mantimentos da lista.

— Ok, assim é que é. Os pés bem assentes no chão. Agora arrastamos isto para o carro e vamos para casa. Não há mais montras para ver nem empregadas para namoriscar.

— Não há dúvida que foi uma vergonha a maneira como lançaste o teu charme sobre aquela mulher tão querida.

Ela lançou-lhe um olhar insípido.

— És mesmo um cromo. — Apontou com o queixo. — Por aqui. Sem paragens.

— Sabes, a maneira como esta aldeia está construída, quero dizer, a maneira como são as estradas, é muito parecida com a minha terra. E a forma como as lojas estão todas juntas. E aqui, também é muito parecido com a minha terra.

Antes que o pudesse impedir, ele abriu a porta de um bar.

— Ah, este é um cheiro familiar. E há música. Paramos aqui um momento.

— Larkin, precisamos de voltar.

— E voltamos. Mas primeiro temos de beber uma cerveja. Gosto de cerveja.

Como tinha os braços carregados, Blair não conseguiu opor muita resistência quando ele a empurrou para entrar.

— É agradável — disse ele — depois de termos andado tanto, sentarmo-nos e tomarmos um jarro. Não é um jarro — lembrou-se.

— Uma caneca. Aqui normalmente chamam-lhe caneca. — Fora a caminhada, concluiu ela, que a fizera ceder. O homem era cansativo. E hilariante.

Colocou embrulhos em cima e à volta de uma cadeira junto de uma mesa baixa e sentou-se.

— Uma cerveja. — Ergueu um dedo. — E mais nada. Não quero que me arranjes mais problemas.

— Tenho-te arranjado problemas? — Ele pegou-lhe na mão e ergueu-a para lhe beijar os dedos. — Garanto-te que foi sem intenção.

Ela semicerrou os olhos.

— Espera um minuto. Tens estado a engatar-me? Será isto tudo a tua ideia de um encontro amoroso²?

Ele juntou as sobrancelhas.

— Não sei a data. Não consigo manter o registo dos dias.

— Não, eu queria dizer... Esquece. Uma caneca de *Guinness* — pediu à empregada que se aproximou.

² Em inglês, a palavra *date* pode significar data, ou encontro amoroso. (N. da T.)

— Como vai tudo? — perguntou ele, e a empregada abriu-lhe um sorriso radioso.

— Muito bem, obrigada. E consigo?

— Tive um dia maravilhoso. Vive na aldeia?

— Em Ennis, sim. Está de visita?

— Estamos. A minha senhora é de Chicago.

— Oh, tenho lá primos. Sejam bem-vindos à Irlanda. Espero que desfrutem da vossa estadia. Trago já a cerveja.

Blair batucou ociosamente com um dedo na mesa enquanto o examinava.

— Nem sequer tens de ligar um interruptor, pois não? Está sempre aí, o tempo todo.

— Não te compreendo.

— Não, provavelmente não compreendes. As raparigas lá da tua terra vão nestas cantigas?

Ele cobriu-lhe as mãos com as suas.

— Não precisas de ter ciúmes, querida. Não penso em mais nenhuma mulher além de ti.

— Poupa-me. — Ela teve de rir. — Não cairia nessa nem que isto não fosse, provavelmente, o fim do mundo.

— Não há ninguém aqui, nem na minha terra, que me tivesse chamado a atenção como tu. Pergunto-me se acontecerá com mais alguma, agora que te conheci. Tu não és como as mulheres que conheço.

— Não sou como as mulheres que ninguém conhece.

O sorriso fácil esmoreceu.

— Tu pensas que isso é um defeito, um erro ou... uma barreira — concluiu ele. — Algo que te torna menos atraente que as outras mulheres. É falso. Quando digo que não és como as outras mulheres, quero dizer que és mais interessante, mais excitante. Mais sedutora. Para.

A súbita irritação na voz dele deixou-a novamente alerta.

— Para o quê?

— De pôr essa cara. Aquela que diz *tretas*. Gosto de seduzir as senhoras, porque isso não faz mal nenhum. — Ele aguardou e dessa vez Blair pôde ver que ele teve de fazer um esforço para sorrir à empregada quando ela os serviu.

— Obrigado. — Ergueu o copo e deu um longo e lento gole.

— Estás chateado — murmurou ela, reconhecendo o brilho nos seus olhos. — Estás chateado porquê?

— Não gosto da maneira como te rebaixas.

— Me rebaixo... tu drogas-te?

— Fica calada. Disse que gosto de seduzir as senhoras, e faço-o. Gosto

de um *flirt* aqui e ali e de uma queca quando posso. Mas não magoo as mulheres, pelo menos não com as minhas mãos nem com as minhas palavras. Não minto. Por isso, quando te digo como te vejo, é a pura verdade. Acho que és fabulosa.

Ele voltou a beber, acenando com a cabeça enquanto ela se limitava a olhar para ele.

— Bem, parece que isto voltou a pôr-te a rolha. Fabulosa — repetiu ele. — Cara e corpo, coração e mente. Fabulosa por aquilo que fazes todos os dias, e tens feito desde há tantos anos, desde que não passavas de um bebé. Nunca conheci outra como tu, e nunca conhecerei. Só te digo que, se um homem olhar para ti e não vir a maravilha que és, o defeito é da vista dele, não tem nada a ver contigo.